

# d'art-VEZ

2015

Bienal de Artes de Arcos de Valdevez

14 de novembro'2015 a 31 de janeiro'2016

**CASADASARTES**

ARCOS DE VALDEVEZ

# JOÃO MANUEL ESTEVES

Presidente da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez



Iniciativa/Organização:

**Município de Arcos de Valdevez**

Parceria:

**Grupo de Estudos do Património Arcuense (GEPA)**

Coordenador da exposição:

**António João Tavarela A. Queiroz Aguiar**

Produção do Evento/Catálogo:

**Casa das Artes de Arcos de Valdevez**

Excertos de textos:

**Lúcia Afonso**

Na Capa:

Excerto do original da escultura "Foral de Valdevez", da autoria de José Queiroz de Barros Aguiar/Queiroza (1927-1997)

Produção gráfica:

jotasá



Marca indissociável da vida cultural arcuense, a D'ArtVez é cada vez mais um ponto de encontro de emoções e perspetivas sobre a Arte e sobre o nosso presente e futuro, nas suas múltiplas vertentes. A edição 2015 aporta consigo um novo desafio: o de articular esta sensibilidade atual com o enorme legado do passado, balizado, a montante, pelos primórdios do século XVI e pelo ano de 1515. É neste mesmo ano que o rei D. Manuel I outorga Foral a Valdevez e é neste contexto que, num programa de comemorações que se alarga até 2016, celebramos 500 anos desse importante momento histórico.

No âmbito desta efeméride, a D'ArtVez desafiou na edição 2015 um grupo alargado de 64 artistas plásticos, que como em edições anteriores participam de forma voluntária, aberta e de plena dedicação ao projeto, a produzirem obras de Arte articuladas com uma selecção prévia de vários textos, provenientes das últimas cinco centenas de anos, realizados em torno do território de Arcos de Valdevez e que identificam momentos históricos, instituições, poetas, escritores e geografias, confluindo numa dualidade singular e fascinante de escrita e realização artística, alargada pela produção de um espetáculo e de um notável CD, elementos que em conjunto vemos espelhados no presente volume. Esta produção resulta de uma parceria realizada com o Grupo de Estudos do Património Arcuense que permitiu a seleção dos textos do catálogo e o alinhamento do espetáculo inaugural da bienal.

Complementarmente, e naquele que é um momento simbólico de perpetuação dos 500 anos para as gerações atuais e futuras, a edilidade arcuense colocou no espaço público um elemento escultórico, em bronze fundido, representativo do Foral, numa materialização artística da força e da identidade desse momento, sendo igualmente uma homenagem ao seu criador, o malgrado artista arcuense José Queiroz Aguiar, que a idealizou, de forma quase profética, há quase 30 anos.

Este espírito de interligação com a nossa comunidade e com as suas dinâmicas, marcas identitárias da estratégia cultural municipal, contribui para a consolidação do papel fundamental dos arcuenses na construção da vida e no pulsar social e cultural de Arcos de Valdevez.



## D. MANUEL I: O REI QUE ESTEVE PARA NÃO SER...

D. Manuel I não teria imaginado, enquanto foi crescendo, que um dia chegaria a rei, porque chegou ao trono de um forma não natural. No entanto, as circunstâncias - algumas bem trágicas - sucederam-se rapidamente quando se aproximava a idade que lhe permitiria pensar, então, que talvez um dia fosse rei. Tudo se precipitou, porém, quando o seu antecessor, seu primo e cunhado, o rei D. João II, viu goradas as tentativas - em parte por oposição da sua mulher e irmã de D. Manuel - de colocar no trono um seu filho natural, D. Jorge; por outro lado, o filho do rei D. João II e de sua mulher, D. Leonor de Avis, o príncipe D. Afonso, morreu num desastre de cavalo e D. João II - que tinha um especial afecto por este cunhado e primo - deixará em testamento o trono a D. Manuel. Este também não se teria manifestado muito apreensivo quando viu o seu próprio irmão, D. Diogo, duque de Viseu, ser assassinado às mãos de D. João II, num gesto de grande violência, mas que se inseria numa política mais vasta de derrubar, para sempre, o poderio ainda existente do que sobrava de algum poder feudal ou senhorial. Nessa altura, D. Manuel recebeu por doação todos os bens do irmão assassinado, não ficando com o título de duque de Viseu, mas com o título de duque de Beja e os de senhor de Viseu, Covilhã, Vila Viçosa, governador do mestrado de Cristo, condestável do reino e fronteiro-mor de Entre Tejo e Guadiana.

D. Manuel nasceu em Alcochete, em 31 de Maio de 1469, e morreu em Lisboa, em 13 de Dezembro de 1521. Era filho de D. Fernando (irmão do rei D. Afonso V) e de D. Brites, neto, por seu pai, de D. Duarte, e por sua mãe, do infante D. João, e bisneto por ambos os lados, de D. João I. Será filho adoptivo do príncipe D. João, futuro D. João II. Foi aclamado e jurado rei em Alcácer do Sal, em 27 de Outubro de 1495. O seu reinado irá durar 26 anos. Foi um jovem obediente e nunca se opôs à forma algo violenta que foi o reinado do seu primo e cunhado, D. João II, mas depois como rei teria sido - segundo Damião de Góis - "homem de muito negócio e muito contínuo no despacho que passavam pela sua mão". Ficou conhecido pelo "O Venturoso", "O Bem-Aventurado" ou "O Afortunado", cognomes que resultaram não só dos acontecimentos felizes que o levaram ao trono, como também dos que ocorreram no seu reinado. Reinará com uma tendência de poder forte (a tender mesmo para o absolutismo), herdado do seu antecessor, o rei D. João II.

Casou em 1497 com D. Isabel, viúva do príncipe Afonso e filha dos Reis Católicos; viúvo desde 1498, casou com D. Maria de Castela, irmã da sua primeira mulher (serão pais do futuro rei D. João III, do Cardeal D. Henrique e D. Isabel, entre os nove que tiveram); viúvo, outra vez, em 1517, casou com D. Leonor, irmã de Carlos V (que foi imperador do Sacro Império Romano-Germânico e herdeiro dos reinos de Castela, Aragão e Navarra), que fora primeiramente destinada a seu filho. Terá uma actividade governamental continuada de grande intensidade na política interna, mas também na política externa e além-mar. Por volta de 1500, já depois do regresso ao Tejo (Julho de 1499) dos primeiros navios de Vasco da Gama - e devido sobretudo à sua política ultramarina - D. Manuel irá acrescentar ao seu título de Rei de Portugal e dos Algarves, daquém e de além Mar em África, senhor da Guiné, da conquista, navegação e comércio da Etiópia, da Arábia, Pérsia e da Índia.

#### **A Política Interna**

Quando subiu ao trono em 1495, já havia na Península Ibérica o problema dos Judeus, pois desde 1492, os Reis Católicos expulsaram essa comunidade; uma boa parte das centenas de milhares dos Judeus saiu pelos portos marítimos, outra parte saiu pelas fronteiras terrestres. Por isso, quando D. Manuel I se torna Rei, herda uma situação de relativa tolerância para com os Judeus refugiados.

No entanto, foi o facto de agradar aos Reis Católicos, no sentido de casar com a filha daqueles, D. Isabel de Aragão e Castela, casamento que lhe dava a posição de herdeiro do trono de Aragão e Castela, que se comprometeu a expulsar os Judeus que viviam aqui no Reino. Mas também, neste contexto, D. Manuel I utilizou todas as formas possíveis (em contradição até com o que tinha prometido aos Reis Católicos), para que os Judeus não abandonassem assim tão rapidamente Portugal, apesar da ordem de expulsão. Com efeito, o Rei de Portugal deu um prazo de dez meses para a partida dos Judeus, quando os Reis Católicos deram apenas quatro meses para a expulsão, ainda que o território fosse mais extenso e a população judia a expulsar em muito maior número. Também isentou de qualquer inquirição religiosa os novos cristãos, durante um prazo de vinte anos (em 1497). O significado desta medida permitia que, durante esse prazo, não seriam admissíveis acusações por Judaísmo. Esta medida protegia, claramente, os Cristãos-novos (Judeus baptizados cristãos) e era bem diferente do que estava a acontecer em Espanha, onde os Cristãos-novos espanhóis eram perseguidos e violentados. Por outro lado, toma uma medida radical e contrariando o que tinha prometido aos Reis Católicos, fará todos os possíveis para impedir a saída dos Judeus

de Portugal, dificultando até ao ponto de permitir apenas que os que tivessem de sair, apenas o poderiam fazer pelo porto de Lisboa, o que era manifestamente insuficiente. E, segundo os relatos do tempo, (nomeadamente do cronista Damião de Góis) juntaram-se no porto de Lisboa cerca de vinte mil Judeus vindos de todas as partes do país; aí, um grupo de frades, protegidos por gente suspeita sob o ponto de vista social, lançou sobre eles a água do baptismo, tornando-os assim, mesmo sem quererem, Cristãos-novos! A partir daqui, D. Manuel I adquirirá mais determinação em relação à política da integração ou não dos Judeus e chega mesmo a recusar os pedidos dos Reis Católicos que insistiam em que os Judeus espanhóis que se refugiavam em Portugal, lhes fossem entregues. Mas o ódio aos judeus foi-se espalhando, ao ponto de a população não judia considerar que os judeus eram os inimigos da fé, os fiscais dos impostos, os agiotas, esquecendo-se que muitos dos judeus nada tinham que ver com aquelas actividades, exercendo e contribuindo até para o desenvolvimento social e intelectual do país. Na realidade, houve médicos, matemáticos, astrónomos, e outros que também contribuiram para o enriquecimento da arte tipográfica. Talvez um dos mais célebres desses judeus fosse Abraão bem Samuel Zacuto, astrónomo, matemático e historiador; foi professor na universidade de Salamanca e depois na de Saragoça, e veio viver para Lisboa depois de ser expulso de Espanha.

Também a perseguição popular à comunidade judia e aos seus convertidos - os cristãos-novos - vai ter, em muitas ocasiões, a tolerância real, mas outras vezes não. São bem conhecidas as perseguições (a adivinharem já a Inquisição), das quais se salienta o massacre, em Abril de 1506 (ano de fome e peste), de mais de quinhentas pessoas, acusadas por frades dominicanos da igreja de São Domingos, de serem culpadas de heresia e de negarem um suposto milagre, mas que não passava de um reflexo de luz dentro da Igreja. Foi este um dos mais trágicos episódios da perseguição daquela comunidade e dos seus conversos, no tempo de D. Manuel, embora o rei tivesse mandado punir severamente - com a pena de morte - muitos dos culpados daquele massacre, que incluía os dois frades que incentivaram a população à matança desenfreada.

Poder-se-á concluir, pois, que no reinado de D. Manuel I, apesar de ter forçado a conversão de tantos Judeus por métodos censuráveis, não a utilizou como finalidade última, pois sabia D. Manuel I que a riqueza dos Judeus contribuía muito para a riqueza do reino e tudo fez para que essas fontes económicas e financeiras não abandonassem Portugal. Assim, apesar dos métodos pouco ortodoxos que utilizou, muitas vezes contra aquela comunidade, os cronistas hebraicos, reconhecidos, lhe chamaram o Pio Rei.

Disse mesmo o historiador Lúcio Azevedo: “Em certas famílias ficou em tradição designá-lo por El-rei judeu. Desta arte os perseguidos absolviam na sua ilusão os perseguidores”.

No entanto, outra conclusão, e talvez a mais importante, se poderá tirar desta política em relação ao problema dos judeus: o que o rei desejava, na verdade, era que os judeus, que durante muitos e muitos anos tinham constituído uma comunidade independente dentro do Reino, perdessem todos os direitos e privilégios; e assim vai acontecer nas “Ordenações Manuelinas” quando se decreta em absoluto que os judeus percam a sua individualidade jurídica.

Outras das medidas inseridas na eficácia da política interna foi a aposta que D. Manuel fez profundamente, ao implementar importantes medidas na reforma dos Tribunais e do Sistema Tributário, de modo a que as Instituições se adaptassem, com mais determinação e controle régio, ao progresso económico que Portugal então vivia.

Mas será com uma preocupação inserida numa vasta política interna de engrandecimento do poder real (que tendia para o absolutismo) que D. Manuel irá dar início à reforma dos forais, reforma que vinha a ser já desejada pelos dois reis seus antecessores. O que se sabe é que os forais tinham perdido grande parte da sua importância a partir do séc. XV (sobretudo do final).

Uma Carta de Foral, ou simplesmente Foral, ou Fuero Breve (na nomenclatura espanhola) foi um documento concedido pelo rei, que visava estabelecer um Concelho e regular a sua administração, deveres e privilégios. A palavra “foral” deriva da palavra portuguesa “foro”, que, por sua vez, provém do latim “fórum”. Os Forais foram concedidos, fundamentalmente, entre o século XII e o século XVI, mas conhecem-se alguns já em meados do séc. XI, no reinado de Fernando Magno (foi rei de Leão, entre 1016-1065) e também com grande incidência nos primeiros séculos de existência do reino português (séculos XI, XII e XIII). Eram a base do estabelecimento do município e, desse modo, o evento mais importante da história da vila ou da cidade.

Eram determinantes para assegurarem as condições de fixação e prosperidade da comunidade, assim como no aumento da sua área cultivada, pela concessão de maiores liberdades e privilégios aos seus habitantes. Mas também apresentavam um elenco de normas que se repetiriam, a saber: disposições sobre fiscalidade, impostos, liberdades, segurança, serviço militar, paz, uso da terra, privilégios dos seus habitantes e sobre justiça e quem a administrava. Os forais foram, assim, os grandes reguladores da vida das comunidades locais. Têm origem, na sua maioria, com a outorga do rei, mas também o podiam ser por um senhor laico ou eclesiástico, ou ainda por uma instituição religiosa. Todos tinham, contudo, mesmo nas suas formas mais primitivas (as chamadas cartas de povoação que pretendiam regular o povoamento dos lugares ermos e, ao mesmo

tempo, granjear mais população para as áreas já habitadas) como objectivo essencial regular normas que norteassem as relações dos seus povoadores ou habitantes, não só entre si, mas também com a entidade outorgante. Ao compulsar algumas normas expressas nesses forais, constata-se, com alguma regularidade, que os forais apresentam mais normas do direito público, do que do direito privado. Acontecia também na formação dos forais, alguns desses tornarem-se como modelos orientadores para outros que se seguiram, ao ponto de serem copiados integralmente ou com algumas modificações. Por isso, criaram-se “famílias” de forais que também incluíam os forais castelhanos, pela aproximação de fronteiras. Uma destas classificações de agrupamento da mesma família de forais é da autoria da Prof. Maria Helena Cruz Coelho, da Universidade de Coimbra, na sua obra *Concelhos - In Portugal em definição de Fronteiras (1096-1325): Do Condado Portucalense à crise do séc. XV* p.582 (citada por Filipa Maria Ferreira da Silva, na sua Tese de Mestrado de História Medieval e Renascimento - Faculdade de Letras da U. do Porto, 2012); assim, estabeleceu os seguintes agrupamentos:

- 1- Salamanca/Trancoso, que abrange a parte setentrional do reino e Beira Alta;
- 2- Évora /Ávila, que enquadra a Beira Baixa e Alentejo;
- 3- Zamora, que abrange a região transmontana, de Vila Real e Montalegre, até Bragança, Miranda e Mogadouro;
- 4- Santarém /Coimbra, que serve de base para os forais outorgados no Ribatejo, Estremadura, Beira Litoral e alguns pontos do Alentejo e Algarve.

Não poderemos esquecer, porém, neste contexto, do aparecimento e evolução dos forais, a origem da fundação dos Municípios, sobretudo nas teses mais conhecidas que se confrontaram, logo desde do séc. XIX, e ainda hoje têm adeptos. A primeira dessas teses é da autoria do nosso historiador Alexandre Herculano que, na sua *História de Portugal*, afirma que a sua origem se entronca no processo antigo da romanização; também o historiador Henrique Gama Barros (1883 -1925), na sua obra *História da Administração Pública* segue a mesma interpretação de Alexandre Herculano. Mas em 1868, Teófilo Braga (que será mais tarde Presidente da República), na sua obra, *História do Direito Português*. Os Forais, coloca em causa as teorias de Alexandre Herculano e Gama de Barros, apontando a origem dos municípios portugueses nas raízes germânicas aqui existentes; esta tese é também apoiada por Eduardo Hinojosa, historiador, professor e jurista espanhol (1852-1919). Mais outros Historiadores, como os Prof. Torquato Soares (já nos meados do séc. XX), Prof. Marcelo Caetano, Prof. José Mattoso, Prof. Baquero Moreno, Profª Helena Cruz Coelho, ou o Prof. Matos Reis, entre outros, ou a título de investigação individual ou integrados

em estudos gerais da História e do Direito Português, têm-se debruçado sobre esta temática e valorizando, com essas investigações, o conhecimento mais aprofundado da história das nossas municipalidades. Acresce, contudo, que há ainda outras teorias que, de certo modo, se cruzam com as outras, que são as que consideram a influência da Igreja, designadamente do Direito Canónico e outra que refere a influência que tiveram os costumes de moçárabes (eram cristãos ibéricos que viviam junto dos árabes, mas em bairros separados).

Por volta do século XV, devido ao fortalecimento do poder real e pelo facto de haver uma uniformização jurídica, vai-se acentuar uma declinação dos concelhos, e, em consequência, há uma perda da importância dos forais e dos direitos neles consagrados. Por isso, verifica-se que, logo a partir de 1472, nas Cortes iniciadas em Coimbra e depois, em 1475, nas Cortes de Évora, os procuradores dos concelhos pediram a D. Afonso V uma reforma dos forais, mas que não se chegou a concretizar, apesar de ter sido mandada realizar pelo Monarca. No reinado seguinte, de D. João II, nas Cortes de 1481/82, voltam as mesmas queixas dos munícipes que referiam ser vítimas de injustiças. O rei mandou então recolher todos os forais, mas a reforma continuava por fazer. Esta reforma dos forais insere-se também na reforma mais alargada de submeter toda a nação a uma única norma jurídica. Assim, mal chegado ao trono, o rei D. Manuel vai encarregar uma comissão desta reforma, composta pelo chanceler-mor, Dr. Rui Boto, pelo desembargador Dr. João Façanha e por Fernão de Pina, cavaleiro da casa real; mais tarde se juntarão outros elementos a esta comissão.

Os primeiros trabalhos efectuados ficaram conhecidos por pareceres de Saragoça e foram levados junto de D. Manuel I, por volta de 1498.

Será Fernando Pina que até irá ver aumentado para setenta mil reais, em cada ano, os trinta mil que até então recebia, o elemento mais preponderante na condução desta reforma, na qual, julga-se, trabalhou mais de 25 anos. E por carta régia de 25 de Julho de 1498 é expressamente mencionado o duplo objectivo que deveria presidir à reforma dos forais: a) fixar na moeda corrente os valores monetários nomeados nos primitivos forais; b) conhecer os inconvenientes, danos e vexames que se davam na cobrança de portagens e de outros tributos que a coroa arrecadava. Mas a reforma dos forais - agora designados de Forais Novos -, ficou bem aquém do que as populações pediam, no sentido de reforçarem as antigas liberdades concelhias, pois ao rei e ao reino interessava-lhe mais actualizar os encargos tributários e pôr fim ao predomínio local para fazer da Nação um organismo único. E esse reforço do sistema tributário inseriu-se no esforço que a coroa pretendia de reforçar o seu poder, até porque a situação económica estava rapidamente a

alterar-se, e a actividade agrícola - que foi base durante séculos da economia nacional - estava em queda e já não havia exportações desses produtos, mas, pelo contrário, muitas importações. O que passou a ser importante foi desburocratizar a complexa teia de portagens e de passagem, de modo a agilizar uma nova actividade económica.

Será ainda de realçar que um dos objectivos principais inerentes à reforma manuelina reside precisamente na tentativa de clara definição das esferas do poder. Para além da reformulação dos forais, está também explícito nas Ordenações Manuelinas, o reconhecimento do rei como o mais alto e superior senhorio, ao mesmo tempo que se ordenava que os senhores que detinham jurisdições provenientes do poder régio as cumprissem inteiramente como estava definido nas doações que tinham recebido (segundo NETO, Margarida Sobral - A persistência senhorial, In História de Portugal, no Alvorecer da Modernidade (1480-1620, p. 154).

Foi um processo complexo e realizado com todo o cuidado, porque, neste sentido, importava, acima de tudo, explicitar a propriedade e os direitos que a coroa possuía nos diferentes locais, bem como clarificar os direitos senhoriais.

Os forais novos consagram no seu conteúdo um vasto conjunto de direitos a pagar ao rei em conjunto com outras obrigações a cumprir junto das outras esferas de poder que localmente se interligavam. Para além de uma reforma administrativa, os forais foram sobretudo uma reforma, com forte sentido de sistematização, dos ingressos da Coroa. (Tese já citada, p. 34). A reforma dos forais está muito mais próxima das reformas fiscais e de uma tentativa de recolha e conservação dos tombos e registos das propriedades régias e dos que se reportavam aos bens incluídos na esfera senhorial. Há também, nesta reforma dos forais, pomenorizadas normas que atentam ao direito à economia e fiscalidade.

Como conclusão, poderemos, pois, afirmar que os primeiros forais remontam já ao século XI, constituindo inicialmente um reconhecimento de relativa autonomia dos concelhos e onde estavam os principais princípios regulamentadores da vida concelhia. Mas com a passagem do tempo, estes começam a ser alvo de inúmeras queixas, sobretudo devidas à sua má compreensão e desactualização a diversos níveis (apesar de se constituírem como o principal meio regulamentador). Nos séculos XV e inícios do século XVI, torna-se, então, possível estruturar-se os princípios fundamentais que uma reforma desta envergadura acarretava.

D. Manuel I foi então a grande figura desta reforma, devido sobretudo ao seu carácter inovador e empreendedor, que se conseguiu uma relativa uniformização do direito local. Para além



Ordenações Manuelinas, xilogravura da edição de 1514, impressa por João Pedro Buonhomini nas instalações de Valentim Fernandes, em Lisboa.

da figura do monarca, não podemos deixar de evidenciar a figura de Fernão de Pina por todo o trabalho de elaboração dos novos documentos. O seu processo de elaboração foi árduo, devido sobretudo, à vasta documentação que as partes teriam de mostrar, mas também pelas particulares inquirições que se tiveram de realizar para um melhor conhecimento da realidade. (segundo Tese já citada de Mestrado de História Medieval e de Renascimento - Faculdade de Letras da Universidade do Porto - 2012, p.58).

Nesse contexto, o primeiro foral de acordo com a nova reforma será o de Lisboa, de 07 de Agosto de 1500; seguir-se-ão, em 1506, os novos forais de Santarém, da Feira e de alguns concelhos do Algarve. Portanto, quando foi atribuído o foral, agora chamado novo, a Arcos de Valdevez em 02 de Maio de 1515, já se tinha iniciado, uns anos antes, a reforma dos forais. Todas estas reformas e outras que, entretanto, foram estabelecidas para a modernidade do Reino, estão expressamente expostas nas chamadas “Ordenações Manuelinas”, cuja versão definitiva sairá em Março de 1521, a poucos meses da morte de D. Manuel (em 13 de Dezembro de 1521).

Será Mouzinho da Silveira (de 1780 – Lisboa, 4 de Abril de 1849, que foi um estadista, jurisconsulto e político português e uma das personalidades maiores da revolução liberal, operando,

com a sua obra de legislador, algumas das mais profundas modificações institucionais nas áreas da fiscalidade e da justiça), que irá acabar radicalmente com forais.

Também associado ao municipalismo, está sempre o pelourinho, que no caso de Arcos de Valdevez estará datado do período posterior à concessão do Foral atribuído por D.Manuel I, em 02 de Maio de 1515. É um monumento tipicamente manuelino, formado por uma coluna torcida, monolítica, rematada por esferas armilares e escudos.

É uma obra do canteiro João Lopes, como se lê numa inscrição gravada na base do monumento. É de realçar ainda o interesse da inscrição com indicação da autoria, que remete para o conjunto da obra de João Lopes-o-Velho, activo no Norte de Portugal e na Galiza entre o início do século XVI e c. 1559. Ainda que não se conheça a data do seu levantamento, é frequente referir o ano de 1531 (REIS, António Matos, 2000), que ainda justifica o referido carácter tardo-gótico e a influência manuelina do pelourinho. (...)

#### **Política Externa e Ultramarina**

Na realidade, D.Manuel, mal subiu ao trono, procurou, com muito zelo e preocupação, realizar o já almejado plano dos seus antecessores, que consistia, sem dúvida, em chegar à Índia. E escolherá o mesmo comandante que já tinha sido sugerido anteriormente: Vasco da Gama. Este nobre português que teria nascido em Sines, em 1460 ou 1469 e morrerá em Cochim, em 1524, terá a seu cargo um dos maiores feitos daquela época e com repercussões duradouras por séculos: ligará a Europa à Índia, que foi então a mais longa viagem oceânica correspondendo a uma volta completa ao mundo pelo Equador. A partida teve lugar no dia 8 de Julho de 1497 da praia do Restelo (Belém). Sabe-se que a frota era constituída pelas naus S. Gabriel, comandada por Vasco da Gama; S. Rafael, por Paulo da Gama; Bérrio, por Nicolau Coelho; e mais uma com mantimentos, por Gonçalo Nunes. A nau de Vasco da Gama levava por piloto Pero Alenquer, que já pilotara a esquadra de Bartolomeu Dias. No total, 170 homens.

Apesar de já ter sido muito divulgada esta importante viagem, resumiremos aqui, os principais locais por onde passaram os nossos marinheiros: atingiram Cabo Verde (em 27 de Julho de 1497); Angra de Santa Helena (18 de Novembro de 1497); Cabo da Boa Esperança (22 de Novembro de 1497); Rio dos Bons Sinais (25 de Janeiro de 1498), hoje chamado Zambeze, onde se demoraram um mês para arranjo das naus, tendo morrido aí muitos tripulantes com o escorbuto (doença provocada pela falta de frutos, especialmente a vitamina C); Moçambique (2 de Março de 1498); Melinde (14 de Abril de 1498); finalmente Calecute (em 20 de Março de 1498). Estava des-

coberto o caminho marítimo para a Índia. Vasco da Gama entregou ao Samorim, rei de Calecute, as cartas de D.Manuel que para ele levava, embora, influenciado pelos muçulmanos da região, aquele Samorim entrasse em perseguição aos Portugueses. D. Manuel, mal chegou a primeira nau de regresso a Portugal (Julho de 1499), escreveu aos reis Católicos de Espanha a anunciar-lhes o feito e ao Papa a pedir-lhe a confirmação da bula relativa à posse das terras descobertas (Agosto de 1499). A partir desta viagem, embora se possa ter fantasiado muito em seu redor, ficou-se com a certeza de que tudo seria diferente e seria um marco importante para os futuros estudos da historiografia marítima. O historiador britânico Arnold Joseph Toynbee (Londres 1889/1975) classificou mesmo, a partir dessa viagem, a evolução da História da Humanidade em apenas dois grandes períodos: o pré-Gâmico e o pós-Gâmico: disse ainda sobre a presença portuguesa no Oriente: “As formas como as religiões cristã, muçulmana e indostânica se desenvolveram, lado a lado, em Goa durante séculos e em mútuo respeito, constitui uma das características da presença portuguesa no Oriente, para além do controle naval do Índico”.

Depois da Índia, D. Manuel, com o objectivo de controlar o Samorim de Calecute, pensou logo em mandar nova frota para negociar com ele ou dominá-lo à força. Assim, seis meses depois da chegada a Portugal de Vasco da Gama, partia nova armada sob o comando de Pedro Álvares Cabral (09/03/1500). Sabe-se que foi a maior esquadra utilizada nos descobrimentos. Eram 13 naus, onde seguiam já experimentados marinheiros. Passará pelas Canárias (14 de Abril de 1500), arquipélago de Cabo Verde (22 de Abril de 1500), até atingir terras de Vera Cruz (depois Brasil), em 21 de Abril de 1500. O descobrimento do Brasil não se deu por acaso, pois em Portugal já se tinha conhecimento da existência do Brasil; a posição anterior do rei D. João II em pugnar, no tratado de Tordesilhas, que a linha de demarcação fosse a 370 léguas para ocidente de Cabo Verde (o que nos dava direito da posse do Brasil) e não a 110 léguas como queria Castela, constitui uma prova do nosso interesse por outras terras. Tem também todo o interesse para a análise desta viagem, a carta que Pêro Vaz de Caminha (escrivão português, 1450 -1500, que seguiu com Cabral e vem a morrer, em 15 de Dezembro de 1500, num saque feito pelos mouros em Calecute) escreveu para D. Manuel, onde relata com detalhes a chegada dos portugueses ao Brasil, como foram os primeiros contactos destes com os indígenas, e, a partir desta carta, podemos perceber as intenções portuguesas quanto à nova terra e o que seria dela depois de então. Começa assim a sua carta: “A terra em si é de muito bons ares, frescos e temperados. As águas são muitas, infinitas. Homens pardos, nus, com colares de penas coloridas”.

E até ao final da sua vida, D. Manuel prosseguirá a sua política de colonização, quer em África, quer na Índia, mas ainda irá enfrentar o famoso marinheiro Fernão Magalhães quando este se ofereceu a D. Manuel para descobrir, pelo Ocidente, novo caminho marítimo para a Índia. D. Manuel não aceitou a proposta, recusando-se a recompensar os serviços que Magalhães prestara no Oriente. Ofendido, o marinheiro ofereceu os seus serviços a Carlos V, rei de Espanha (1516) e imperador do Sacro Império Romano-Germânico (1519), de quem obterá cinco navios. O resto da história é sobejamente conhecida ... na qual se destacará a primeira vigem de circum-navegação, que provou ser a terra realmente redonda.

#### **Em Conclusão:**

Apesar de D. Manuel não ter sido um rei natural, deixará uma marcante passagem durante o seu longo reinado, que se revelou, não só na política ultramarina, mas também nos negócios internos. Também não deverá ser esquecida uma certa actividade cultural, durante o seu reinado, recordando-se, igualmente, no aparecimento do chamado estilo “manuelino” directamente ligado às descobertas.

D. Manuel deu um passo decisivo e ambicioso no sentido de entrar e dominar o oceano, que era o centro económico do mundo. O rei tornou-se não só o Rei da Pimenta, como o maior colecionador de preciosidades orientais e de animais exóticos da Europa.

É também neste contexto da exibição de tanta opulência e para reforçar o engrandecimento do poder real junto do papa (que foi parcialmente conseguido), que D. Manuel envia a embaixada de Tristão da Cunha (cavaleiro e conselheiro do rei e que foi nomeado 1º vice-rei da Índia, embora nunca tivesse exercido o cargo) ao papa Leão X, em 1514.

Sabe-se que foi uma embaixada única pela sua originalidade, que incluía animais nunca vistos naquelas paragens; elefante (que o Papa manteve como sua mascote durante três anos e a que deu o nome de Hanno), pantera, cavalo persa, papagaios, perus raros, para além de um riquíssimo tesouro onde havia em abundância um grande número de pérolas, rubis e moedas de ouro. O presente tem sido avaliado entre os 300 e 500 mil cruzados.

No apogeu manuelino, este negócio de “mercearia” - especiarias e açúcar -rendia quase 50% das receitas reais. Calculava-se em um milhão de cruzados (80 milhões de euros, ao preço actual do ouro) só a receita líquida anual das especiarias para a corte lisboeta. No conjunto, todo o comércio que vinha de além-mar representava 68% de todas as receitas reais. E, por isso, dele se

diz:: in “Portugal - O Pioneiro da Globalização”- A Herança das Descobertas” de Jorge Nascimento e Tessaleno Devezas: o monarca tinha inovado em dois campos: na concepção do Estado e no primeiro projecto imperial global. Se DJoão II foi o protótipo do “Príncipe” de Maquiavel , Manuel foi uma antevisão de Luís XI , Le Roi Soleil. Muitos anos antes de Luís XIV poderia ter dito D. Manuel que o Estado era ele, comenta o historiador Lúcio de Azevedo. O primeiro projecto imperial global foi, de facto, desenhado pelo monarca português na aurora dos Quinhentos, como mostraram os estudos pioneiros do historiador francês Jean Aubin. (que foi um historiador especialista do mundo irano-turco medieval).

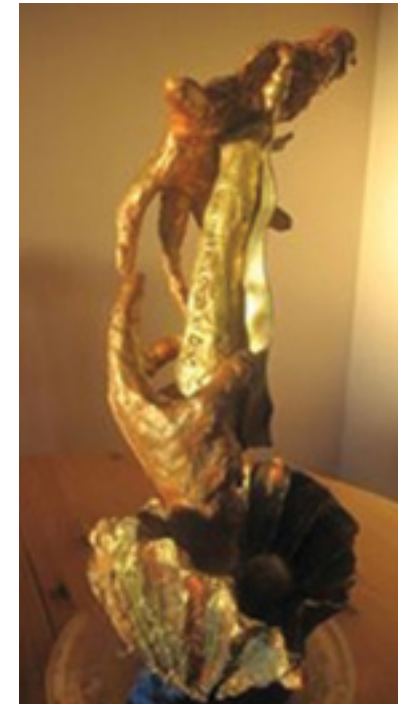
E foi este rei, que esteve no auge da abertura de Portugal ao mundo vasto, que criou grandes bolsas de riqueza e de grandeza, embora tantas vezes efémeras, que ficou para sempre associado ao crescimento de tantas terras de Portugal, nomeadamente as Terras de Valdevez, que, agora e aqui, têm sido celebradas em pequenas e grandes histórias que constituem a alma e o orgulho das suas gentes.

Julho de 2015

*Manuel Carlos Marques Pinto*

(Texto escrito de acordo com a antiga ortografia)

## FERNANDO CERQUEIRA



Principal bibliografia de apoio:

- Dicionário de História de Portugal, Direcção de SERRÃO, Joel, volume 2, pp. 279 a 281.
- História de Portugal - Portucalense Editora - Porto Vol.III, pp. 214 a 233, Direcção Literária de PERES, Damião e Direcção Artística de CERDEIRA, Eleutério.
- Portugal - O Pioneiro da Globalização - A Herança das Descobertas – RODRIGUES, Jorge Nascimento e DEVEZAS – Centro Atlântico. PT
- O Império Colonial Português (1415-1825), de BOXER, C.R. - edições

## 1449 – CONFIRMAÇÃO DO REI D. AFONSO V A LEONEL DE LIMA, DE ANTERIORES EDIÇÕES RÉGIAS

*“E pidindo nos o dicto lionell de lima que lhe confirmassemos as dictas terras e lugares E nos visto sseu Requerimento E as muytas Razões que temos pêra outorgar e queremdo lhe fazer graça e merçee Temos por bem e outorgamos os dictos lugares e terras asy e pella gujsa que nas dictas cartas do dicto Senhor Rey meu auoo e d el Rey meu Senhor e padre he contheudo e porem mandamos aos veedores da nossa fazemda comtadores almuxarifes Juizes e Justiças oficiaaes e pessoas e a outros quaesquer a que ho Conhecimento desto pertemçer e esta carta for mostrada que leixem ao dicto lionel de lima ter aver loguar E posse aas dictas terras e lugares de frayam e de coira e de sam Martinho e de terra de samto estavam e da terra de Jeraz e da terra de valldevez e da casa de giella segundo nas dictas cartas e em esta nosa comfirmaçom he contheudo E em testemunho dello lhe mandamos dar esta nosa carta asinada per nos e asellada do nosso ssello do chumbo damte em nosa villa de samtarem a bj djas de Março el Rey o mandou Ruy diaz a fez anno de nosso Senhor Jesu chisto de mill iijc Rix annos.”*

Valdevez Medieval/Documentos II Arquivos de Lisboa 1300-1479, Cood. Amélia Aguiar Andrade e Luís Krus, Edição Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, 2001, pág 181.

VITOR ZAPPA



LUIZ MORGADINHO



## 1515 – LEY DOS PARTIDORES

“E decramos que os moordomos Rendeiros e oficiaes dos ditos direitos serem diligentes a Irem partir as novjdades com os lavradores e foreiros ho dia que pêra isso forem requeridos ou ate ho outro dia aquellas oras por que nam hyndo as partes partirão suas novjdades com duas testemunhas E levarão a sua parte ou faram della o que qujserem.

E leixarão a nossa parte na eyra e no lagar e no temdal sem serem a mais obrigados nem emcorrerão por ysso em alguma pena E Se alguns per seus contratos ou custume de sempre consentido forem obrigados de levarem os foros ao senhorio nam ficarão disso desobrigados ante o faram como sempre fizeram sem njnhuma mudança nem emnovaçam”.

Forais Manuelinos entre Douro e Minho, direção, edição, transcrição e notas de Luiz Fernando de Carvalho Dias, pág 95.

RICARDO DE CAMPOS



MARGARIDA JORGE



## 1596 — EXCERTO DA LICENÇA DO ARCEBISPO DE BRAGA PARA SE DIZER MISSA NA IGREJA DA MISERICÓRDIA DE ARCOS DE VALDEVEZ

“Dom Frey Augustinho de Jhezus por mercê de Deus e da Sancta See Appostollica arcebispo e senhor de Braga Primas das Hispanhas. A quantos esta nossa provisão viren saúde e Jhezus Christo Nosso Salvador fazemos saber que nos vimos o instrumento d’adoração retro proxima e avendo respeito ao nella contheudo e a como o provedor e irmãos da Sancta Misericordia da villa dos Arcos de Valdevez nos inviarão pedir lhes desemos licença pera na nova igreja que os atem feita para a dita Misericórdia de poder dizer missa e nos constar per certidão do reverendo Amador da Costa abbade de São Payo da dita villa a dita igreja estar fabricada e ornamentada e decentemente pera o sobredito e a outros justos e honestos respeitos e do serviço de Nosso Senhor que nos a ello moveu pella prezente damos licença que na dita igreja nova se posam alevantar altares e nelle o dizer missa daqui por diante e esta nosa , loguo tem a quimze de Junho Manoel de Lemos scrivão da câmara a fez de mil quinhentos e noventa e sete annos. provisão e doação se juntara do livro das visitações da igreja mate por nos e nosso visitador e os provermos cada anno como nos parecer serviço de Deus e 6 de Julho diurno nos spritual e tempooral dada e Braga 596 nosso sello e signal do muito reverendo doctor Fernão Mergulhão nosso loguo tem a quimze de Junho Manoel de Lemos scrivão da câmara a fez de mil quinhentos e noventa e sete annos.”

Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez, Licença de autorização para dizer a primeira missa na Igreja da Misericórdia de Arcos de Valdevez, Braga: 1596.

JOAQUIM POMBAL



JOSÉ A. FONDEVILA GARCIA



## 1608 – TRANSPORTE DA IMAGEM DE NOSSA SENHORA DA HUMILDADE DE LISBOA PARA A MISERICÓRDIA DE ARCOS DE VALDEVEZ

“Oje que são nove de Setembro embarquei hum caixão em que vai a Ymagem de Nossa Senhora em hua barca por nome São Roque de que he mestre Pedro Garcia Vaz de Viana vai deregido o caixão aos Manoel Bravo almoxarife d’alfandega de Viana e em sua auzencia ao senhor Belchior Pimenta juiz d’alfandega da dita villa vossas merces podem acudir a Viana que com ajuda de Nosso Senhor já ali acharão vai a ymagem em hum caixão de madeira branca de Veneza com huas cordas liando vai nelle a ymagem de Nosa Senhora e hum retabolo pequeno e hua crus de pão e tres rozairos pera a ymagem de cristal e de pao e hum peqeno de borcadilho da China. Vai a imagem em hum lançol embruhada e tomada pellas pontas do lançol quando se tirar do caixão pera se ver e endereitar e o caixão darão a Gonçalo do Valle e o lançol em que vai a ymagem embruhada despois que a ymagem se tirar do caixão pera se por em algua parte pera que tenha o lançol e o caixão ate eu mandar o que se a de fazer delle avizem-me vossas mercês logo leva mais hua coroa de couro ordinária pera lhe por por agora que a que tem de prata yra per ordem de vossas mercês quando mandarem também tem segundo me parece hum calles que lhe qer fazer o serviço de prata pera o serviço do altar Noso Senhor garde a vossas mercer avizem-me vossas mercer se achão as medidas de pao pera se comprarem pera a capella que o dinheiro esta feito cada vês que for nesario e porque demais não serve Nosso Senhor goarde vossas mercer de Lisboa a que de se tiram de 608 annos.

[ASSINADO]: De Baltasar do Valle Serqueira”

Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez, Registo do embarque em Lisboa da imagem da Senhora da Humildade, Lisboa: 1608.

MARIA PIEDADE SILVA



VITOR BARROS



## 1662 – INCÊNDIO DA VILA DE ARCOS DE VALDEVEZ EM OUTUBRO DE 1662, PELAS TROPAS DE BALTAZAR PANTOJA, GENERAL GALEGO

“Partiu a noyte a contenda, & vendo D. Balthezar mal fuccedidas todas as emprezas difficeys, determinou com as faceys despica o seu enfado mandou queymar a Villa dos Arcos de Val de Vez, fituada entre ambos os exércitos fem defensa, nem moradores; & o Conde de Prado havia deyxado de lhe merecer guarnição, porque D. Balthezar varias vezes havia tido ocasião de fazer estrago, fem o executar. Avisado das chamas mandou o Conde apagar o fogo, & custou esta diligencia a vida ao Capitão Marcos de Brito, & a alguns foldados; porem estava tam ateado, que padecerão as casas grande ruína. Perfistirão os Gallegos no quartel de Giela até três de Outubro, sendo quasi inceffantes as baterias de artilharia, & balas de fogo. À noyte do dia referido marchou o exercito com tanto focego, que não fentião o rumor as fintinellas, & com tanta dilligencia, que pelas oyto horas do dia ardião os quartéis defocupados.”

CONDE DE ERICEIRA, D. Miguel de Menezes, História de Portugal Restaurado oferecida a El Rey D. Pedro II Nosso Senhor, Tomo II, Lisboa; oficina de Miguel Deslandes, MCXCVIII, pág. 448.

ANTÓNIO PERES



MANUEL MONTE



CLOÉ



IOLANDA PARENTE



JOSÉ NICOLAU



## 1706 – DESCRIÇÃO DA VILA DE ARCOS DE VALDEVEZ

“Tem esta Villa huma boa praça, cuberta com huns arcos (donde muitos dizem tomou o nome), e defronte della hum excellente pelourinho dourado, o melhor do Reyno, que se mudou para a beira do rio, aonde elle se vadea com humas poldras, que chamão da Balleta: tem mais três campos, que lhe servem de largo terreiro para a formatura de gente e guerra, e de alivio para os naturaes, aonde fazem varias escaramuças, sortilhas, e outras muitas festas; o primeiro está entre a Igreja do Espirito Santo, e a Matriz, sitio alegre, e vistoso; o segundo fica defronte das casa da câmara no meyo da villa; e o terceiro à porta de S. Braz. Em todos estes terreiros há feira franca aos três dias de cada mez, aonde cõcorrem muitos mercadores da Cidade de Braga, Porto e da Villa de Guimaraens.”

COSTA, Padre Antonio Carvalho, Corografia Portuguesa, e Descrição topográfica do Famoso Reyno de Portugal, offerecido a El Rey D. Pedro II Nosso Senhor, Tomo I, Lisboa: oficina de Valentim da Costa Deslandes, MDCCVI, pág. 222.

FERNANDO HILÁRIO



## 1758 — A FREGUESIA DE S. PAIO NAS MEMÓRIAS PAROQUIAIS

“Item, hé terra de El Rei Nosso Senhor, hoje donatário della Thomás da Silva Telles, Bisconde de Villa Nova de Cerveira, etc<sup>a</sup>. Item, esta freguezia pessoas entre piquenos e grandes quinhentos e oitenta e huma. Está situada em hum valle contíguo a hum piqueno monte, (...). Item recolhem os moradores desta freguezia muito milhão, algum centeio, bastante trigo e feijoens, muito e bom vinho e algum azeite. Item, está a caza da camera, passo do concelho e cadeas nos lemites desta freguezia, havendo juiz ordinário, três vereadores, procurador do concelho, letrados de boa literatura feita a justiça pello corregedor de Vianna, que conhece em correição e das cauzas por agravo e põe apelação à Caza da Relação da cidade do Porto, servindo de juizes e vereadores os principaes cavalheiros da villa e termo, (...). Item, mais por esta freguezia ser mista com a villa, nella se faz feira no dia três de cada mês, franca e hum feirão no dia catorze de cada mês de bastante concurso. Item, não tem correio, mas os moradores da terra servem-se do correio da Barca, levando as cartas nas Quartas feiras e buscando as respostas nas Terças feiras de cada somana, que dista desta freguezia meia legoa. Item, dista esta freguezia da capital do Arcebispado, cinco legos e da capital do Reino, secenta e duas. Item, não tem privilégios, nem outras couzas dignas de memoria, nem hé porto de mar, nem hé murada, nem há fonte de special virtude ou qualidade, nem padeceu ruína no Terramoto de mil e setecentos e sincoenta e sinco. (...) Item, por esta freguezia passa pella parte Norte ao Nascente hum rio chamado o rio Vez que tem o seu nascimento na serra do Oiteiro Maior e tem o seu ocazo nas Poldras do rio Vez metendo-se no rio Lima conservando sempre o nome dêo o nascimento até o seu ocazo distando do nascimento hindo-se nutrindo com vários regatos e por esta freguezia passa caudalozo.”

As Freguesias do Concelho dos Arcos de Valdevez nas Memórias Paroquiais de 1758/ Alto Minho: Mémória, História e Património, coord. José Viriato Capela, separata de “As freguesias do Distrito de Viana do Castelo nas memórias Paroquiais de 1758/Alto Minho: Memória, História e Património”, Arcos de Valdevez: edição da Câmara Municipal, 2005, pág 25 – 26.

AMÉRICO RAJÃO



BRUNO RAJÃO



## 1776-1784 – LIVRO DE DESPESAS

“A misericórdia de Arcos de Valdevez inscreveu os encarcerados pobres entre os primeiros beneficiários dos seus serviços caritativos à semelhança do sucedido na sua casa-mãe e noutras confrarias da Virgem do Manto. Nesta instituição, o mordomo da casa, acumulava as funções de assistência do hospital e dos presos pedindo, todos os domingos ou uma vez por semana, para os encarcerados, tal como estipulava o compromisso, coadjuvado por outro irmão. Desconhecemos desde quando estes mesários executavam esta prática, a qual ganhou força de lei em acórdãos de finais do século XVIII ou inícios da centúria seguinte.

(...) Entre as diversas tarefas que compunham o cumprimento desta obra, por parte das misericórdias, conta-se, com alguma regularidade, a limpeza das cadeias e o auxílio aos presos com comida, bebida, roupa, lenha, cera e palha, assim como o socorro na doença e assistência espiritual. Durante o ano os seus serviços caritativos eram pontuados com ações mais simbólicas, como sucedia na Páscoa, com o jantar dos presos na quinta-feira santa, no caso de sentença capital com o cortejo que conduzia o preso até à forca e a recolha das ossadas à sepultura na procissão do dia de Todos-os-Santos.”

RAMOS, Maria Odete Neto – Os Legados Pios da Santa Casa da Misericórdia de Arcos de Valdevez, Tese de doutoramento policopiada, Universidade do Minho, 2014, pág. 460-461.

RUI PARENTE



PAULA PEREIRA



## FEVEREIRO DE 1786 — MEDIÇÃO E DEMARCAÇÃO DOS TERRENOS DA VILA PARA O TOMBO DE S. SALVADOR

“E do ditto sitio vai partindo a dmarcação e medição pello campo da feira a diante em direitura ao Poente a face da Cappela mor da Igreja Matris desta freguezia que toda fica dentro em seus lemites e em linha reta vai dar ao sitio onde antigamente esteve o Pellorinho com trezentas e quarenta e duas varas que tanto há de distancia do ditto penedo que serve de marco the este sitio o qual serve de marca por ainda nele existirem os indicios do alicerce do mesmo Pellourinho ficão estes fronteiros a columna que deuide os dois arcos da entrada do paço do Concelho e distão da mesma columna para o Norte oito varas e quatro palmos ficando dentro dos lemites de Sam Payo toda a referida extenção. E do ditto sitio onde esteve o Pellourinho vai partindo a medição e dmarcação em direitura ao Poente a procurar a rua Direita e pello meyo della vai partindo a dmarcação dar a estrada publica que vai para Ponte de Lima por sima da Igreja e Caza da Mizericordia ficando dentro dos lemites de Sam Payo a mesma Mizericordia o Hospital e todas as Cazas da ditta rua que tem a fronteira para o Norte como tambem as Cazas de Gaspar de Queiros; e o mais resto da Villa dentro dos desta do Salvador da Villa dos Arcos e seguindo o meyo da mesma estrada adiante com as voltas que fáz vai dar a dmarcação ao Ribeiro das Veçadas que atraveça a mesma estrada. E dahi pella mesma estrada adiante vai partindo a dmarcação the dar na calçada entrada da Quinta e Caza de Valverde aonde se deixa a ditta estrada publica e seguida a mesma calçada entrando os portaes que ficão para o Norte a par das Cazas da mesma Quinta e da parede que tapa o Olival vai partindo a dmarcação ficando as dittas Cazas da Quinta dentro dos lemites de Sam Payo e o Olival nos desta e em direitura ao Poente pello caminho adiante vai dar em linha reta na fonte chamada do Ribeiro que fica dentro da ditta Quinta de Valverde quaze no fim della e em the ahi desde os dittos vestigios do Pellourinho tem sette centos e settenta e seis varas. E dahi vai dar onde principiou a dmarcação e medição que he no Rio Vêz. E nesta forma se fez a dmarcação dos lemites desta freguezia e da sua anexa Guilhafonxe que fica dentro da referida dmarcação”

Tombo dos lemites terras e mais couzas pertencentes á Igreja Abadia de Sam Salvador da Vila dos Arcos e sua anexa Santa Comba de Guilhafonche”, fl. 88v-89v.

MÁRCIA SILVA



LEONOR SOUSA



## 1809 – CHEGADA DAS TROPAS FRANCESAS À VILA DE ARCOS DE VALDEVEZ

“Seriam 7 horas da tarde ouviu-se a corneta que anunciava a chegada do destacamento francez.

Era já crepúsculo e havia bastante frio, agravado por uma nortada implacável.

Os moradores da vila aproximaram-se das portas e janelas para verem passar os estropeados soldados de Napoleão, que foram para o Terreiro onde formaram junto à câmara.

O juiz de fora mandou depois aboletar os pobres soldados pelas casas mais abastadas da vila e levou o capitão e um tenente para a sua casa. Os francezes comportaram-se bem até à sua retirada no dia seguinte.

Em 28 de Março de 1809 seriam 11 horas da manhã, a força formou frente à câmara, e procedeu-se então à aclamação solene do protectorado francez para nos livrar dos ingleses.

Reuniram-se nos paços do concelho para esse fim algumas pessoas, bem como vamos ver, e lavrou-se o seguinte auto: «Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e nove, nos vinte e oito dias do mez de Março, nesta vila dos Arcos e casas da câmara, seriam onze horas do dia, nela se reuniram o juiz de fora interino Manuel Soares Barbosa de Abreu Vasconcelos, os vereadores Luiz José de Souza e Castro e António de Sá Sotomaior, o procurador do concelho Caetano António da Rocha Barros; o Abade de S. Paio, Joaquim José Barbosa; o vigário de Guilhafonche António José Mendes; o abade de Guilhadezes Bernardo Gomes da Silva e todos os empregados residentes nesta vila convocados por aviso de mim, escrivão da câmara, e aqui estando todos juntos foi presente o capitão do exercito francez mr. Louis Moreau, comandante da força postada no Terreiro da Câmara, o qual dirigindo-se aos presentes em linguagem que bem se compreendeu, lhes apresentou uma proclamação do general comandante das armas de Braga e província do Minho, convidando, o povo deste concelho a reconhecer o governo que o grande Imperador dos Francezes decretou para Portugal, que é de ocupação pacífica, de proteção às pessoas e seus bens, de respeito pela religião e seus ministros, podendo as autoridades exercer os seus cargos com toda a confiança porque em nada lhes advirá mal. Convida todos os presentes a que o considerassem como amigo, bem como aos chefes e soldados do glorioso exercito francez, e pediu-lhes que eguaes sentimentos comunicassem aos habitantes do concelho, mesmo aos que estavam com armas na mão, pois o fim da ocupação que se fazia era liberar Portugal da opressão ingleza.”

GOMES, José Cândido – “Os Franceses nos Arcos em 1809”, in Almanaque Arcoense, 1929.

ANTÓNIO TROUFA



CARNEIRO RODRIGUES



SOFIA ROCHA

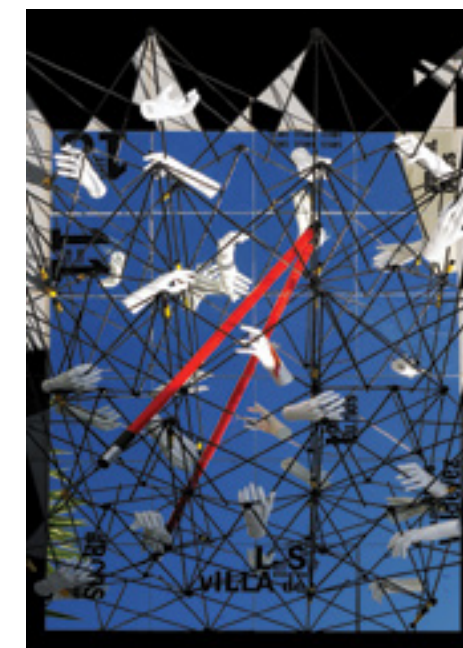


## 1811 – EXCERTO DA “SENTENÇA PROFERIDA NA CORREIÇÃO DO CRIME NA CIDADE DO PORTO CONTRA OS AMOTINADORES TUMULTUÁRIOS NA VILLA DE ARCOS DE VALDEVEZ, EM 10 E 11 DE JULHO DE 1808”

“Mostra-se, que por ocasião do rebate do inimigo, acontecido em a Villa dos Arcos de Valdevez, e dos seus Districtos, na noite de dez de Julho de mil oitocentos e oito, e na manhã seguinte, descerão os Montanhezes de algumas Freguezias da Villa dos Arcos, que devendo dirigir-se contra o mesmo inimigo, ou existente, ou supposto, como muitos louvavelmente fizeram: muitos pelo contrário se precipitarão nos mais horrorosos, e malvados desatinos, perpetrando crimes de todas as qualidades, com manifesto insulto da própria Soberania. Por quanto, prova-se plenamente, que os amotinados, sem outra causa mais do que as particulares vinganças, interesses, e resentimentos, atrevidamente se arrojarão a lançar mão do Juiz de Fóra dos Arcos António José Soeiro de Gouvêa espancando-o, e ferindo-o gravemente com cruel barbaridade, o arrastarão, e conduzirão assim à Cadêa pública aonde coberto de opprobrios foi encerrado, ao mesmo passo que despoticamente puzerão em plena liberdade os que se achavão criminosos, e legitimamente prezo; passando depois ao Paço do Concelho, destruirão a cadeira e docel com as Armas Reaes, e todos os mais trastes que acharão, não escapando á sua maligna ferocidade as portas, janellas, e sacadas, que deitarão ao terreiro, e depois queimarão: no mesmo dia dilacerarão os títulos públicos da Camara: atacarão os Cartorios públicos, entregando ás chamas os Processos, e Documentos públicos, e particulares, que affianção, e sustentão os Direitos dos Povos: depozerão as Authoridades legítimas; sendo deste numero o Juiz de Fóra, e o Sargento Mór das Ordenanças (...). No seguinte dia, para cúmulo das suas maldades, passarão solemnemente a construir o illegal, e novo governo projectando, chegando a tal ponto a sua temeraria ousadia, que no mesmo acto fizeram Leis, contrarias ás do Reino, e tendentes à subversão da Monarquia (...).”

“Sentença proferida na Correição do Crime da cidade do Porto contra os amotinadores tumultuários na Villa de Arcos de Valdevez em 10, e 11 de Julho de 1808”, Lisboa: Impressão Regia, 1811..

FERNANDA VILASBOAS  
E JOSÉ ANTÓNIO SILVA



## 1846 — EXCERTO DE CARTA DO ADMINISTRADOR DO CONCELHO DE ARCOS DE VALDEVEZ AO GOVERNADOR CIVIL DE VIANA DO CASTELO

“Representar ao Governo de Sua Magestade tudo quanto for conducente a tornar mais fácil o serviço publico, e demais prompto e breve execução as Ordens instruções, e regulamentos, que são transmitidos ás diferentes repartições tanto judiciães como administrativas, he hum dever das Auctoridades Locaes, e em consequência deste principio, eu não posso deixar de expor a Vossa Excelencia a neccessidade daqui ha de se deverem tomar algumas providencias sobre a administração do Correio da Villa da Barca ou seja para que se mude para esta Villa dos Arcos, ou pelo menos para que haja nesta Villa huma administração distincta e separada daquela, e para isto conseguir ou poder effectuar nada mais he preciso, do que conhecer-se evidentemente, que o Correio que sai da Cabeça do Districto, pode chegar a esta Villa mais cedo huma hora do que costuma chegar, e para isso somente he necessário ser separado nessa Villa de Vianna tudo quanto pertence a este Concelho,(...); pois que deste modo se adianta meia legoa, que tanta he a diferença, que faz vindo de Ponte de Lima para esta Villa, sem ser preciso hir a Villa da Barca; se esta circumstancia seria sobejo motivo, para a mudança, ou pelo menos para a separação da administração acima indicadas, por que são huns conhecidos os felices resultados, que advem ao serviço publico, pois que quanto mais breve se recebem as ordens do Governo, e as participações officiaes das Auctoridades superiores, (...) mais prompta he a execução das mesmas, e muitas vezes com esta brevidade na execução, se podem prevenir acontecimentos, que depois de realizados so se remedeião a conta de grandes trabalhos e despezas publicas, como ordinariamente succede em tempos de crises, e a experiencia o tem mostrado; acresce alem disto a conveniência dos povos com semelhante mudança, ou separação, porque he certo que este Concelho tem e comprehende seis mil quatro centos e oitenta e seis fogos, e o da Barca apenas dous mil quatro centos e vinte e oito, e esta Villa he mais Commercial do que aquella a onde reside o Juiz de Direito, o qual tem sub sua jurisdição três julgados, que vem a ser, o da Cabeça da Commarca, o da Barca e Soajo, e por isso nesta mesma repartição judicial se tira grande vantagem para o serviço publico, por que se torna mais prompta e breve a execução das Ordens do Governo para os diferentes Julgados, (...)”

Arquivo particular de Gaspar de Azevedo de Araújo Gama, Carta do Administrador do Concelho dos Arcos de Valdevez, António Pereira de Sá Sottomaior para o Governador Civil de Viana do Castelo, cota CT-CG-71, fl.1-2.

AMÉRICO CARNEIRO



## 1847 – ESCARAMUÇA ENTRE O CONDE DAS ANTAS E O BARÃO DO CASAL

“Em 1847, quando as tropas dos Cabraes andavam em lucta com as juntas do Porto, também na Ponte da Barca houve uma entre as divisões do conde das Antas e do barão do Casal.

Na ponte sobre o Lima, no alto da prova, em Campos de lima, Oliveira e S. Jorge estabeleceu o barão do Casal a sua divisão, incomodando os revolucionários commandados pelo conde das Antas.

Este, que tinha por si o povo e que além d’isso trazia melhor tropa, decidiu-se a fazer um ataque em regra, o que, sendo presentido pelo Casal, levou este a retirar vergonhosamente de noite en direcção a Valença.

O conde das Antas entrou então n’esta villa com as suas tropas, acampando na Praça Municipal e no Terreiro do espírito Santo.

Retirou depois por ponte de lima para Vianna do Castello e d’aqui, por fim, para o Porto.”

CLÁUDIO RICCA



### *“Arvoredos”*

Eis aqui o motivo em virtude do qual o coveiro nunca poderia fazer compreender ao Coisa que a sua repreensão era sincera e não mentirosa, como a do velho pedinte que primeiro o educara. A fraternidade com que o Coruja desejava que fossem tratadas as crianças, o Coisa compreendia-a ao inverso, especialmente quando lhas apontavam.

Apesar desta divergência, viveram muitos anos em concordante familiaridade, dormindo juntos nos mesmos palheiros e comendo da mesma ração. Como o Coruja era um bêbedo declarado, entendeu que devia fazer o Coisa à sua imagem e semelhança e dava-lhe vinho. O cão principiou no vício, com evidente repugnância. Nos dias de fome que o primeiro dono lhe fizera passar quando a broa não corria para o saco, adquirira hábitos de sobriedade. Vinho! Tal guloseima nunca abichara! O mendigo da barba longa era extremamente egoísta... emborrachava-se só. Depois de ter sido necessário abrir-lhe a boca à força, para emborcar a tigela nas goelas, o Coisa gostou, e por fim já a escorropichava de vontade. Tão fino bêbedo se mostrou no futuro, que andava sempre lambendo, com cuidado e esmero, todas as cuncas da sopa de bestas que encontrasse às portas das estalagens e tendas minhotas. Então dizia-lhe o seu amigo, rindo abertamente:

- Grandíssimo borrachão! Até me parece um padre!

Esta frase inofensiva, que tantas vezes dissera impune, proferiu-a um dia diante de um eclesiástico que, julgando-se ofendido, o repreendeu severamente, levantando a bengala para lhe bater! O coveiro que, pelo hábito de viver entre batinas, não as respeitava, e considerando mesmo que os padres eram tão homens como os outros, e que por suas mãos enterrara um bom par deles, respondeu desdenhoso e indignado:

- Olhe: talvez o seu coração não seja tão bô como o dele!...



## 1899 – RETRATO DA VILA

“A villa dos Arcos é moderna. (...)

Há pouco mais de trinta annos ainda esta villa conservava o aspecto sombrio, claustal e severo da sua velhice.

As habitações eram de tétrica exterioridade, denegridas pela acção do tempo, musgosas e desaprumadas, dando a impressão dolorosa e nostálgica d'uma ruinaria.

As ruas accidentadas e barrancosas, calcetadas com monolithos toscos, collocados ao acaso, proporcionavam um transito difficil.

Vagueavam por ellas os suínos, que abusavam sempre da liberdade que lhes davam.

A vassoura municipal era desconhecida.

O transito pessoal serpenteava as ruas e calçadas na exploração dos sítios mais accessiveis e tratáveis, formando, de pedra em pedra, uma vereda pittoresca, de phantasticos ziguezagues postos em grande evidencia pelas hervas que cresciam em todas as ruas.

De 1860 para cá a villa transformou-se.

Abriram-se ruas e fizeram-se estradas, que a atravessam ou n'ella desembocam.

Construiram-se prédios elegantes, edificios que honrariam até uma terra de maior importância.”

GOMES, José Cândido - As Terras de Valdevez / Memórias históricas e descriptivas do concelho dos Arcos de Val de Vez, Vol. III, Arcos de Val de Vez : Typographia Lusitana, 1899, pág. 5- 8.

MARIA EDUARDA LEITÃO



LUÍSA BARROS



## 1919 – ARTUR BIVAR

### “*Deus adheriu?*”

Bastas vezes tenho repetido que nunca fui nem quis ser nada na Monarchia e não quis nem quero ser nada na Republica. Acima de tudo sou catholico e português – as questões meramente politicas, de partidos e regimes, deixaram-me sempre absolutamente livre. Posso ter errado, por deficiencia de visão dos factos, na orientação que tenho seguido; mas nunca segui nenhuma levado só por disciplina partidaria ou qualquer outra dependencia de politicos.

Isto vem desde os primeiros annos da minha vida jornalistica. Ahi por 1904 ou 1905 – quando veio a Braga o sucessor de D. Bosco, D. Miguel Rua -, publiquei na *Palavra* um artigo que folgo de reproduzir aqui, quasi na integra. Era dirigido a *uma senhora*:

“Quando D. Rua sahiu ficamos falando... do que fala nos salões. Do tempo, das senhoras (das modas não, que d’isso não entendo) e de politica. Até, de politica, foi de que mais falamos.

“E falamos mal, é claro. Pódem escrever quantos capitulos quiserem sobre a maledicencia, que da politica portugueza é impossivel dizer bem. É baixa, é suja, é nauseante, e temos dito.

“Declarei que não era politico, isto é, que não militava nisso que ahi chamam politica. Que lá politico sou eu visto que Aristoteles definiu o homem: *um animal politico*.

“Quando me retirei ia reevocando saudades de bellos tempos da Italia, quando aquelle ceu... Basta. Leiam isso ahi em qualquer romance. O certo é que cheguei a casa e atirei-me aos livros, esses amigos fieis que me falam quando eu quero d’esse paiz encantado.

“Peguei no Dante e não abri uma pagina que harmonizasse com as disposições do meu espirito. Por acaso abri outro livro e dei com esta fabula que vae ser o meu alcorão, a minha divisa até á morte.

“Ah! isto sim! Aqui é que está uma resposta cabal a todos os porquês dos meus amigos que me perguntam: Porque não é você politico? Porque não faz concurso para um lyceu? Para uma bibliotheca? *Voire même* para regedor da sua freguezia?

“Ouvi, amigos. Tudo isso se obtém pela politica; tudo isso e muito mais. Mas hoje vão abundando os independentes que preferem a obscuridade ao sacrificio, nas aras politicas, da propria dignidade.

## CARMEN TOUZA



## 1933 – O VEZ

Lá vai correndo, a soluçar quimeras,  
Lá vai fugindo a recolher anseios ...  
Parece um vale a namorar as heras  
No mundo azul onde só há gorjeios.

Tudo são ais, tudo são ais ... É vê-lo  
Como ele chora, quando, em noite fria,  
A estrela de oiro, a tiritar de zelo,  
Desce do Céu – e um beijo então cicia.

O rio é meigo, e essa meiguice é tanta,  
Como a do cravo, se o jardim incensa,  
Que em cada azenha vai achar a santa  
Que diviniza a sua vida intensa.

Beija nas mãos a lavadeira airosa,  
Quando ela canta e vai batendo a roupa,  
Com toda a graça sensual, viçosa,  
Dalgum galã que o coração não poupa.

O Vez é o rio das canções de amor,  
Dos rouxinóis e da balada amena ...  
E, no seu seio, a transbordar dulçor,  
Vagueia o olhar de virginal morena.

Os amieiros, curvadinhos, vão  
Benzendo o rio, ao espalhar carinhos,  
Que vivem nêles, como vive a unção,  
Que cercam nêles os umbrais dos ninhos.

A Lua, à noite, ao derramar candura  
- Fios de luz para um tear de auroras -  
Tem por espelho a limpidez mais pura  
Do rio manso, a requestar as horas.

E vai correndo, e vai correndo, assim,  
Com a tristeza que engrinalda um monge,  
Como a esperança a recordar festim  
Que vai fugindo, soluçando ao longe!

CALDAS, José Luiz de – Arraial Minhoto (versos), Braga:  
1933, pág. 11-12.

RUI LOBO



## 1933 – ROTEIRO DA MINHA TERRA

(...) Vês acolá o Paço de Giela?  
Tem séculos de vida e arquitectura bela.  
A ermida que se enxerga, além tocando o céu,  
No local onde, há pouco, o sol adormeceu,  
À Virgem do castelo foi alçada;  
E o povo desta Terra abençoada  
Lá vai, na Quinta Feira da Ascensão,  
Anualmente em peregrinação.

E a Estrada da Cêpa e o Bairro de S. Bento  
Onde domina, isolada,  
A casa de minha mãe ...  
E a Quinta do Convento,  
Ao Cemitério encostada ...  
E aqui, ali e além,  
Pára a vista enfeitada.

Que gosto raro em tudo aquilo impera!  
Terra amiga, meu doce paraíso,  
Meu encanto e meu sorriso,  
Pintar-te com a alma bem quisera.

RIBEIRO, Dr. António Pimenta – in “Notícias dos Arcos”, nº 109, Arcos de Valdevez: 1933.

JORGE SILVA



ANA REGO



## NOVEMBRO DE 1940 – EXCERTO DO TEXTO ESCRITO PELO PADRE CASIMIRO ARAÚJO GUIMARÃES, AQUANDO DAS COMEMORAÇÕES DOS 800 ANOS DO RECONTRO DE VALDEVEZ

“Valdevez foi episódio de notável influência no poderio sempre crescente do nosso primeiro Rei. Neste formoso recanto do nosso Minho florido, - solar histórico dos heróis da Fundação – mais uma vez *“A sublime bandeira castelhana /Foi derribada aos pés da Lusitânia”*.

O Recontro de Valdevez, cuja comemoração se efectuou, nesta vila, com a maior solenidade, não tem, certamente, a caracteriza-lo, o estridor bélico nem a repercussão histórica de Ourique e de outros memoráveis feitos militares, que exaltam o orgulho nacional; mas, em compensação, acendeu o entusiasmo dos portugueses ao eco impetuoso da vitória e Afonso Henriques envolveu-se em halo de tam ofuscante triunfo, que pouco tempo depois, era garantida a sua suserania em toda a vasta e rica região interamnense. Colheram-se aqui, no histórico torneio em que heroicamente se evidenciaram a bravura e audácia dos cavaleiros portugueses, os loiros que logo iriam abrilhantar a coroa do primeiro Rei de Portugal.”

GUIMARÃES, Padre Casimiro de Araújo, In Memoriam. Comemorações Centenárias. Recontro de Valdevez: 1140-1940, Edição CMAV, Arcos de Valdevez: pág. 11-12.

EDUARDO PIMENTA



## 1947 – PROCISSÃO

Repenicam os sinos  
Meninos,  
E os mais velhos, já rachados;  
Dlím, dlão! Dlím, dlão!  
Uns e outros, bem tocados,  
Traziam à freguesia  
Os devotos da folia  
Dos lugares mais afastados ...

Repenicavam os sinos ...

Pelos ares estralejavam  
Foguetes;  
E os Zés-pereiras ribombavam  
Por entre verdes festões  
De buxo com galhardetes ...

Os sinos repenicavam.

O rapazio  
Junto do pendão  
Dianteiro,  
Era a guarda avançada;  
Tendo alegrado o terreiro,  
Na procissão,  
Seguia desbarretado  
E prazenteiro ...  
Uma bandeira,  
Outra bandeira;  
Depois  
A cruz solene enfeitada;  
E a dois a dois,  
Vestidos de opas roxas e vermelhas,

Os homens das irmandades  
De suíças, bigodes e guedelhas,  
A ladear os anjinhos ...  
- Lírios brancos entre espinhos, -  
Rostos tishnados  
Pelo sol, maus e cansados,  
Amparando e guiando  
As almas em formação...

Anjinhos, e mais anjinhos,  
Com asas ao vento, é certo,  
Mas a palmilhar o chão,  
Tão hostil e tão incerto! ...o seu andor,  
Uma torre faiscando  
Chispas de cor,  
Nossa Senhora da Guia  
Submersa numa orgia  
De cambiantes ...  
-Pálida rosa a sumir-se  
Entre montões de brilhantes ...  
Repenicavam os sinos;  
Estralejavam foguetes;  
Os velhos eram meninos  
E os meninos diabretes;  
Só as velhas mais beatas  
Rezando e tecendo intrigas  
Eram tristes e pacatas ...

Os sinos repenicavam! ...

AMARAL, Virgílio – Bagos de Luz, Braga: 1947, pág.  
22-24

## HENRIQUE RIBEIRO



## 1964 – NURMI ROCHA

### *“Ensaio”*

Desmaia a Natureza no poente,  
Num desbotar de cores e de contornos;  
E já a noite põe os seus adornos,  
Brilhantes a fulgir num véu cadente.

Desponta ao longe a Lua sorridente  
E apagam-se ao poente, ocultos fornos,  
Orquestras de Cupido em leitos mornos,  
Acordes de cristal sobre a corrente.

Ao longe, acenam lenços de geadas,  
E o sino a despedir-se, em voz magoada,  
Espalha a nostalgia em seu redor.

Um dia a despedir-se de outro dia...  
Um sono mais, que breve principia,  
Ensaio para um sono ainda maior.

## MARGARIDA DIAS



## 1966 – “A TOCA DO LOBO”

Quando a Ermelinda veio um dia lembrar-lhe que era Sexta-Feira Santa, e porque no pensamento de um segundo poderiam até caber séculos, por instantes, que lhe pareciam compridos de horas e horas, se lhe figurou ver-se na vila e na capela do Senhor da igreja matriz.

(...) O gradeamento de pau-preto e grandes bolas torneadas, torcidos e metais arrendados, separava a capela do corpo da igreja.

(...) A meio da igreja via o tocheiro de uma data de velas, a modos de relógio por onde as pessoas entendidas, conforme o sacristão as ia apagando, seguiam o andamento dos ofícios que os padres entoavam na capela-mor, acompanhados, de coro, pelo grande instrumental contratado em Braga *por um dinheirão*.

(...) Porém, não eram ainda os ofícios. Ainda Quinta-Feira Santa, de Tarde, ao lava-pés. Na capela fronteira, a de Santo António, lá andava o senhor Arcipreste, de bacia de prata, a lavar os pés a treze velhos, todos ou quase todos do asilo, que já primeiro os tinham lavado eles na sacristia, em baldes de folha.

(...) Mas passara da Matriz à Misericórdia. Ia a sair a Procissão da Noite, a dos fogaréus, a do Senhor da Cana Verde.

Com a vara de juiz da Confraria, lá ia o primo Afonso. Entre os irmãos, o primo Fernando, o João Pereira de Brandara, o Dr. Meneses, a quem chamavam o Doutor Sobe e Desce, por coxear. E o Neves Brasileiro. E tantos, já mortos ... O Silva da Estrada, com as sobrancelhas brancas da fartura de bigodes... o Inocêncio, cuja calva diziam que servia de pedra para amolar agulhas ... E o Saraiva das Forças, o Saraiva das Forças ... Ah! E o José Vicente da Silva Dias! Que barbas tamanhas!

Seguia a música o andor, tocando a marcha fúnebre de todos os anos. Primeiro aparecia já o guião, numa vara aí de três metros (...).

Cheirava ao pez dos archotes, levados pelo rapazio e que sombreavam de fantasmas, ora curtos, ora sem fim, como lençóis negros pendurados a Avelar, e que tanto apareciam como desapareciam. Ouvia as tréculas: a matraca do tempo das Trevas (...).

(...) O roxo da capa do Senhor esvoaçava. E sempre a marcha. Ouvia-a. Ouvia-a.

(...) Porém, já de novo na Matriz, não podia já aturar ali mais tempo, ali havia horas sem fim, na cadeira de palhinha, e a doer-se de estar sentado. Os padres não havia forma de acabarem com os ofícios. E ainda uma porção de velas acesas no tenebrário ...

FIGUEIREDO, Tomaz – A Toca do Lobo, 3ª edição, Editorial Verbo, Lisboa: 1966, pág. 91-96.

ANA LAGARTO



ISABEL LAGARTO



LOREM



## 1979 – AS ÚLTIMAS!

Iniciamos a ronda à hora costumada. A noite está agradável, embora, de dia, o céu estivesse tingido de nuvens e o sol nem sempre fosse brilhante.

Ao sairmos da redacção, sem trajecto preconcebido, somos mimoseados pelo aroma, agradabilíssimo das tílias que, não pelos nossos reparos mas, talvez, pelas nossas preces sempre apareceu para limpar, um pouco, o desagrado da atmosfera, em alguns sítios. E fomos, com as narinas bem levantadas e abertas, até o Campo do Trasladário, origem do bem de que vimos a falar.

Chegamos ali, mais nos apeteceu sentar num banco, gozando os benefícios dos que, e justamente, a essa hora, merecem repouso, do que continuar na ronda. E fizemo-lo por imposição a que não resistimos, por uns momentos.

Que pena, caros leitores (...) que não possais gozar este momento nesta bela alameda que é também vossa, nesta noite que, de tão agradável, nos faz esquecer a cama que nos espera!

MARTA AGUIAR



ANTÓNIO PINHEIRO



PINTO, Mário Barros – “As últimas!” in Jornal Notícias dos Arcos, nº 1420, ano XLVII, Arcos de Valdevez, 1979-10-14, pág.

## 1982 – “A MUI ANTIGA E PITORESCA QUELHA DETRAZ DAS HORTAS...”

“Uma vez transposta a velha ponte dos Arcos de Valdevez, entrava-se na vila pela rua dos Açougues, embrenhada na sonhadora pacatês tradicional, com velhotas sentadas às soleiras, gozando o sol, atentas ao girolar da roca e fuso ... Não raro, malucavam umas com as outras a falazar dos seus tempos de raparigas, benzendo-se e comparando-os com os desmandos dos tempos que corriam.

A rua dos Açougues, torcicolando, desembocava no largo da Misericórdia – aquele larguinho tão querido dos velhos arcoênses, com a porta do templo à direita, seguindo-lhe o feio e soturno casarão do hospital – asilo do retobalho da vila e aldeias que lá ia findar os dias de miséria e quantas fomes !...

Quem se queria embrenhar na vila, rompia à direita pela rua Direita, povoada, de um e outro lado por lojas de comércio, secos e molhados, seu botequim adormecido, tasquinhos onde se apreciava um pingato de estalo. Não faltava a botica onde, pelos fins das tardes soalheiras se jogava o gamão ... e ia o viandante desembocar no largo onde, ao fim, se levantavam os templos da Matriz e do Espírito Santo...

Mas todo aquele que desejasse arriscar-se às terras do Alto-Vez, daquele largo da Misericórdia seguia em frente, metendo, afoito, pela íngreme e apertada quelha detraz das Hortas (que desembocava no largo das Ervas), descia, em seguida pela ladeirante rua de S. João e estava na Valeta. Dali em diante, ou seguia o pontão do rio ou continuava pelo Requeijo, Ázere, Couto, Gondoriz ou metia, sempre à margem do Vez. Em duas ou três jornadas alcançava as velhas terras de Fraião de Coura, de que tanto falavam as crónicas dos tempos aguerridos....”

ARAÚJO, José Rosa de e REIS, A. Matos – “A mui antiga e pitoresca Quelha Detraz das Hortas ...”, in Terra de Val de Vez , GEPA, Arcos de Valdevez: 1982, pág. 40-41.

BELMIRO BELÉM



OLÉSYA MOHOSH



## 1986 – “ROMARIAS E TRADIÇÕES”

O Concelho de Arcos de Valdevez, como aliás todo o Minho é cheio de romarias e festas que em muitos casos são a única distração do povo das nossas aldeias, tanto das mais afastadas e serranas com a capelinha isolada no cimo do monte, como das menos serranas e com o templo já no centro da aldeia.

O povo bom, alegre e crente, sacrifica-se bastante para que a sua festa, a festa principal da sua terra, seja cheia de alegria em honra do santo e sirva de convívio entre todos os conterrâneos e até de motivo para que os que casaram para outra freguesia e muitas vezes até para os que emigraram, se reúnam.

(...) S. Bento com grande devoção na vila dos Arcos onde milhares de devotos levam cravos, porque é advogado das nascidas nas mãos, em Ermelo onde vão a pé e levam cravos e sal; no Cando, lugar da Gavieira onde muitos peregrinos e devotos se alojam nos quartéis, para a novena preparatória da festa e feita bastante a sério e com bastante penitência, mas onde a última noite e o último dia são de folguedos.

ARIEIRO, P. José Borlido – “Romarias e Tradições”, in Terra de Val de Vez, GEPA, Arcos de Valdevez: 1986, pág. 91-96.

DUARTE NUNO



FRANCISCO ALVES



## 1991 – “O RIO VEZ, SÓ ARCUENSE”

“Que seria dos poetas arcuenses, e de nós habitantes, e da própria Vila, se o Rio não existisse, não possuísse as suas Vicéldes e outros espíritos fluviais ribeirinhos, a própria Mãe da vida (ou do rio) que uma poetisa amostra agora desencanta – e de que ouvíamos falar em criança, muito ao longe na memória, quase nos íamos esquecendo...

Tem o Vez os seus ritmos, as suas paragens, enleios e abraços – saudoso de deixar a sua Vila dos Arcos, onde se interioriza e entra pela alma dos seus naturais, gente marcada pela correnteza das águas, quase sempre plácidas e limpas. Mas também desencadeadoras de dramas sociais, quando lhe dá para irar, ou o acirram, abocanhando então vidas humanas e causando outros malefícios.

Não fica ele extasiado ante o aprazível cenário do velho povoado que, em plena Antiguidade, foi já tão importante e determinante do futuro colectivo?

(...) Queda o Rio cansado de tanto andar, desde a Serra da Peneda, encosta abaixo, correndo, correndo, até chegar ao Vale – onde terá, depois de enlaçá-lo, de preparar-se para se entregar, por fim, ao mar Atlântico, de companhia com o Lima do Esquecimento.”

ROSINA CADIMA



## 1991 – ARCOS DE VALDEVEZ (CONTEMPORÂNEO)

“É assim que a esta hora, quando ainda há formas distintas, adivinho o Vez, a correr, lá em baixo, no Vale, estreitando o burgo de há 100 anos num longo abraço líquido e, já correndo para a foz, beijando os velhos casarios da Valeta e de S. Paio, antes de se lançar, após idílico percurso de margens pitorescas, nos braços fraternos do Lima.

A Valeta, que se aninhava na sua margem direita, abria-se em forma de concha desde o Espírito Santo e o antigo campo da feira (hoje Jardim dos Centenários), passando pelo Largo de S. Brás (hoje Largo da Lapa) e pelo Largo das Ervas, onde vem desembocar a quelha das Hortas, até à estrada de Monção. As habitações subiam depois a encosta de S. Bento, abrigando-se à sombra tutelar da igreja setecentista e do antigo convento dos monges franciscanos.

No largo ribeirinho daquele bairro, que comunicava com a margem oposta por umas poldras que, infelizmente, desapareceram, como aconteceu à velha azenha (...) fazia-se a feira do carvão e da carqueja, trazidos dos altos de Cabana Maior e de Carralcova pelas carvoeiras vestidas de serguilha calçadas de tamancos, e que resguardavam as pernas com grossas meias de lã cardada até aos tornozelos que, no verão, lhes deixavam marcas esmaecidas na pele amorenada pela fuligem e pelos ventos ásperos da serra.”

ARNALDO



## 1992/1993 – A FEIRA DE ARCOS DE VALDEVEZ (CARACTERIZAÇÃO HISTÓRICA SOCIAL E ECONÓMICA DE UM FENÓMENO LOCAL)

“Nos séculos XVII e XVIII, vislumbram-se algumas importantes alterações na estrutura da vila, sobretudo após 1662, aquando das guerras da Restauração (...). Nessa altura, já a feira se realizava mensalmente (...).

A feira tinha, então, divisão sectorial e geográfica, dispersando-se pelos largos, principais e secundários da vila, os quais eram, sede de intensos movimentos comerciais: no Largo da Lapa, realizava-se a “feira” dos cereais, legumes e produtos hortícolas; no terreiro municipal, efectuava-se a “feira” do peixe, lenha e erva; no terreiro de baixo da Igreja do Espírito Santo, a “feira” dos porcos e de carvão; por último, junto à Igreja de S. Bento, a “feira” do gado, sobretudo bovino (esta feira trouxe problemas, visto que perturbava a vida do convento – ordem beneditina – junto do qual se situava, o que provocou queixas dos monges ao rei, o qual, contudo, ouvidas as autoridades e os interessados na feira, apenas deliberou dever ser ela deslocada um pouco para o lado).”

ALVES, Rui Henrique – “A Feira de Arcos de Valdevez (caracterização histórica, social e económica de um fenómeno local)” in Terra de Val de Vez, Boletim Cultural do Grupo de Estudos do Património Arcuense, Arcos de Valdevez: nº 15, 1992/1993, pág. 220-221.

FLORENTINA RESENDE



ELOHIM



## 1994 – TERRA DE VALDEVEZ E MONTARIA DE SOAJO - II Parte - Via Económica e Social (excerto)

“Nada haverá de mais exacto do que afirmar que o actual concelho de Arcos de Valdevez, resultante da junção de dois velhos concelhos, feito um deles do rio e o outro da serra, depende da forma como o ambiente vier a evoluir, isto é, do modo como for gerido, ou usado, com verdadeiro amor ou com interesse desmedido. A duríssima experiência humana revela em muitos lados que os rios podem ser desprezados ou mortos, poluídas as águas, a destruírem a flora e a fauna, e as serras degradadas com plantações exóticas e construções que tornam as paisagens utilitárias e banais.

Tudo depende das técnicas que venham a ser adoptadas e de outras que devam ser vedadas. Mas os riscos de agressão apresentam-se muito fortes e somente podem ser neutralizados se houver respeito pelos valores patrimoniais que importa ajustar ao desenvolvimento equilibrado dos alicerces efectivos da Terra de Valdevez e da Montaria do Soajo, acrescentando aos monumentos, à cultura e às suas gentes a maravilhosa aliança que ali se encontrou firmada entre o rio e a serra, na flora, na fauna e na vida.”

HERMÍNIA CÂNDIDO



## 2004 – O BANDO DA VALETA

(...)- O Largo da Valeta – hoje perdido na memória dos arcuenses – era o centro político, cívico e cultural da vila dos Arcos, onde existia o Café Vieira (destruído em nome dum falso progresso, triste e sem alma), immortalizado por Tomaz de Figueiredo, que “veio a morrer com a morte do dono, o Armindo Vieira – O Armindo Marmita – um rapaz gaiteiro, sempre benquisto e sempre de cravo ao peito. Era o Café dos burguistas que iam tainar as sardinhas cabeçudas, vinho branco e melão de Soutelo, para o caramachão dependurado sobre o Vez...”

(...) – O Largo da Valeta e as suas “fronteiras”, como a Fonte do Piolho, o pontilhão sobre o Vez, o seixal do rio, as escadinhas do Espírito Santo, a rua de S. João e o Jardim dos Centenários, eram o pequeno mundo do “Bando da Valeta”, cujas personagens, reais-imaginárias, tinham o seu “nome de guerra”, tais como o Farófiás, o Mário Fanfas, o Zé Ramalho, o Berto Cu-de-Brolho, o Cuspídela de Cobra, o Jorginho Malaguetas e o Lamparina Apagada. As aventuras, as mais mirabolantes, como a implantação de portagem no pontilhão da Valeta, sessões de cinema com máquinas de cartão, e até um rato equilibrista, são algumas das peripécias que deixavam o Largo da Valeta em alvoroço.

CACHO, Antonino – “Crónica do tempo que passa “ in Jornal Notícias dos Arcos, Arcos de Valdevez, nº110 (II Série), 2004-12-30, pág. 4.

JOSÉ ARMANDO AMORIM



## 2005 – OS FRIOS INVERNOS DO NORTE

As manhãs de inverno no norte, diz quem sabe, costumam ser de quebrar os ossos. Sei, porque sou daqui, que quando não chove e o vento sopra, gélido, dos interiores da Galiza, é sempre um valha-nos Nossa Senhora e um Deus nos acuda.

As pessoas, manhã cedo, sentavam-se nos cafés, tiritando encolhidas, lançam os ombros para a frente e encobrem as mãos entre as pernas, tentando com o calor do seu próprio corpo suavizar o frio que lhes entorpece os músculos, lhes marca as faces, lhes corta o coração e a alma.

São sete e meia da manhã, de um dia cinzento, de um Novembro de que já perdi o rasto. Sento-me a um canto mais abrigado do Arcuense, a dois passos do balcão.

Àquela hora, por ser dia de feira, o café já estava cheio de gente de aldeia que se acotovelava, na ânsia de ser servida, de engolir qualquer coisa que lhes animasse as entranhas.

Passa por mim, dirigindo-se para o balcão, uma mulher vestida de preto. (...) As mesmas roupas e o mesmo preto que costumavam cobrir as mulheres dos nossos montes. Devia ser conhecida, pois o empregado cavaqueava com ela e começara a tratá-la pelo nome. Vi servir-lhe, num daqueles copos pequenos, bojudos, um líquido transparente, que adivinhei ser aguardente.

Olhou para mim com um sorriso no qual me tornei deliberadamente cúmplice, ao mesmo tempo, que pegava no copo e o levava à boca. Embarcou tudo de um só trago. Vi o seu corpo estremecer. (...) Cortou-me a respiração vê-la lançar um <Aaarrghhh!> lancinante e fazer um esgar de pavoroso sofrimento, como se subitamente se tivesse precipitado nas mais crepitantes labaredas do inferno.

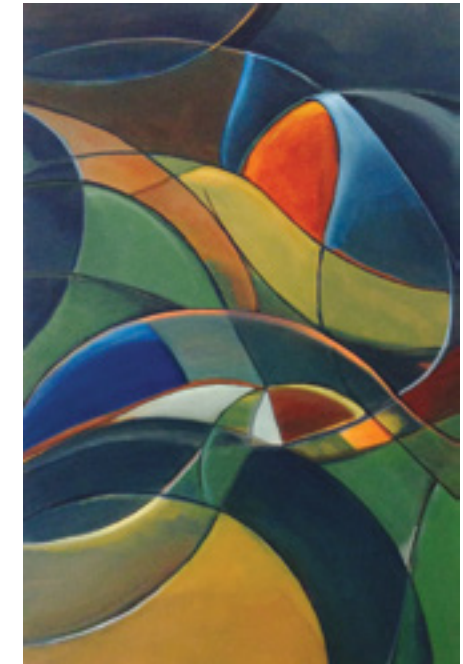
(...) Levantou o avental, e duma pequena bolsa de cabedal escuro que tinha atada à cintura, retirou uma moeda que me pareceu ser de dez escudos. Pousou-a em cima do balcão e ordenou ao empregado, que mal tivera tempo de arrumar a garrafa:

- Deita outro!

Ah, como eram frios aqueles invernos nos Arcos.

COSTA, José Domingos – “Os Frios Invernos do Norte” in Jornal Notícias dos Arcos, nº 116 (II série), Arcos de Valdevez, 2005, pág. 5.

TERESA VIEIRA SILVA



## 2005 – A MARCHA DE ARCOS DE VALDEVEZ

Terra velhinha,  
Paisagens doiradas,  
E cores variadas.  
Teu rio suave  
É carícia de ave;  
Tua ternura  
É imagem pura,  
A vila ajoelha  
Quase à tardinha  
Como em jeito  
De querer orar;  
O rio a enlaça  
Como quem abraça,  
A lua espelha  
E tece o luar ...

Nos Arcos de Valdevez  
Mora a ternura nas fontes,  
Caem cantigas dos montes,  
Fala a saudade da nossa gente;  
Quem foi por lá uma vez  
Há-de voltar de certeza,  
Olhos postos na beleza  
Da nossa vila bem portuguesa.

É o nosso hino  
À nossa linda terra,  
Toques de sino  
Chegam à serra.  
Nossa canção  
Nasceu no coração,  
Vai pelo mundo  
Qual vagabundo ...  
Suba até Deus  
Abrindo-lhes os Céus  
Levando amor  
E a nossa melodia;  
Suave harmonia,  
Bela sinfonia,  
Feita de amor  
E crescente favor.

CODEÇO, Orlando – Para além da cor, Edição Câmara Municipal, Arcos de Valdevez: 2005, pág. 109.

MUTES



## 2008 – AS MEMÓRIAS NÃO VÊM SÓS

Vêm ofuscadas pela palpável que se levanta do rio e envolvia como manta fosca e éria a luminosidade das velas no Senhor dos Milagres. Tal qual continua varrendo os paralelos da ponte, separava São Paio e Salvador, embrulhando em opaca brancura os lampiões do Trasladário.

A Vila, pairava assim dissolvendo-se nessa etérea nuvem que acariciava o Vez e recuperava linha e forma à medida que emergia vale acima, rumo a Faquelo, à Lapa e São Bento.

Nas casas, nas salas e cozinhas, o cheiro do bacalhau e do azeite caseiro juntava-se ao calor da braseira e das famílias reunidas. Havia pinheiros de Natal enfeitados com chocolates e iluminados com velas. Velinhas em castiçais de folha, presos aos galhos com molas. Pinheiros com raízes em Presépios de figuras de barro em trilhos de musgo que na véspera teria sido arrancado às húmidas sombras dos carvalhos da Mata da Ponte. Ao som solitário dos meus próprios passos rodava eu na curva da pontr passando a taverna do TonAlves por baixo do letreiro que dizia Casa de Pasto dos Motoristas, vislumbrando pela porta entreaberta a reunião de ceia. Enveredava depois pela Rua dos Açougues onde nada restava da euforia e da azáfama de poucas horas antes. Boas Festas dadas à última hora ali na soleira da Floresta ou à porta do Sr. Alves das ferragens; mulheres de tabuleiros à cabeça com pão fresco embrulhado em toalhas brancas, de linho, amassado em casa e cozido no Sr. Firmino ali na Rua Direita para onde eu seguia agora. É que a certa hora, nessas noites de consoada, passava-se aí um ritual. Chegando à Misericórdia via três ou quatro na esquina da Africana, cigarros acesos desenhando na neblina a essência da conversa. Mais dois ou três estariam já na esquina do Sr. Augusto, e cedo chegariam outros, de Requeijo, das Pedrosas. De São Bento ...

Eventualmente convergíamos a meio da Rua Direita frente à montra da Deusa à luz da qual esperávamos, mãos nos bolsos do sobretudo, pé a bater nos paralelos da velha rua. De vez em quando lá um se lembrava de vislumbrar através da condensação dos vidros não tivessem eles já entrado pela porta do quintal.

CERQUEIRA, Teófilo Pimentel – “As memórias não vêm sós” in Jornal Notícias dos Arcos, Arcos de Valdevez: 2008-12-18, pág. 23.

ELIAS COCHON



FERNANDO RIBEIRO



## 2009 — A ROUPA NOVA

“Domingo de Ramos, na Páscoa estamos”, cantavam alegremente enquanto andavam às voltas à igreja Matriz, sempre a repetir a mesma cantilena, os sinos a repique, felizes da vida, conscientes de que a partir desta data, o calor da primavera prometia dias grandes cheios de brincadeiras no adro da igreja e no jardim dos Centenários. Era uma linda procissão, cheia de crianças acompanhadas pelos pais e avós.

(...) As senhoras da vila usavam uns bonitos véus de renda, que escondiam aqueles penteados altos, cheios de cabelo ripado e laca, que se usavam por esta altura. Iam ao sr. Casares que era o único cabeleireiro da vila, na rua Direita, e passavam lá a tarde, enquanto as crianças iam entrando e saindo para ver se as mães e avós já estavam despachadas. (...) a seguir ao cabeleireiro iam lanchar à Deusa, a primeira pastelaria que houve na vila, com bolos que vinham de Braga, na camioneta do Salvador. Os homens iam para a Doçaria Central, que ainda lá está no mesmo sítio mas com outra filosofia. Nos anos sessenta os senhores da vila ali iam beber umas tacinhas de branco e passavam a tarde em amena cavaqueira e maledicência. A criançada entrava para comprar um rebuçado daqueles grandes, que lhes enchia a boca durante horas e nem conseguiam mexer o queixo nem fechá-la.

(...) A escolha do palmito para empunhar na procissão do Domingo de Ramos também fazia parte dos hábitos das meninas da vila (...). As freiras faziam uns palmitos de folhas de palma, amarelos, artisticamente entrelaçados em castelo, (...) depois de benzido, era guardado em casa, na cozinha, que já seco protegeria a casa das trovoadas.

No fim da missa do “Domingo de Ramos” iam passear para o jardim dos Centenários onde adultos e crianças se juntavam em conversa de circunstância, reviam os amigos que tinham vindo de “fora” passar a Páscoa e, mantinham uma compostura a que a roupa nova obrigava.

PINTO, Maria Paula T. Q. Barros – “A roupa nova” in Jornal Notícias dos Arcos, nº349 (III série) : Arcos de Valdevez , 2009, pág. 8.

VIKTORIYA BORSHCH



## 2010 – MONTANHAS, VALES E VICE: ESPAÇO NATURAL E HUMANO

“A existência dos seres humanos em todo este espaço, com as suas múltiplas vivências numa cadência fortemente condicionada pelas Estações, pelo clima e pelas necessidades de sobrevivência, cria factores que potenciam, de igual modo, a noção de vida e de transcendência. Neste contexto, este é também um território marcado pelo ritual e pela religiosidade, elementos tão antigos como a própria Vida, e que aqui surgem na forma de primitivos percursos de peregrinação, em locais de reflexão espontânea, e, na tradição cristã, nos templos e santuários, de que o magnífico conjunto monumental de Nossa Senhora da Peneda é, indubitavelmente, o maior representante, com a realização na primeira semana de Setembro da maior romaria mariana do Minho; paralelamente são de assinalar locais de peregrinação de menor escala mas inequívoco vigor, caso de S. Bento do Cando, verdadeiro santuário “montês”, conectado com o isolamento reflectivo dos romeiros, aqui consolidado pela presença beneditina que marcou estas zonas de serra a partir do século XIII.

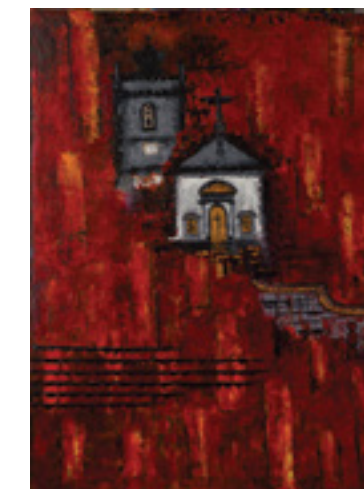
Estas manifestações rituais humanas têm também uma vertente celebrativa; em complemento com a tradição religiosa, evolui um processo festivo, intimamente ligado às festividades, aos seus protagonistas e aos momentos do ano; as danças, cantares e tradições de festa, hoje materializados num folclore mais ou menos padronizado e identificado, são reminiscências de um processo evolutivo de relacionamento ancestral com a Natureza e com os ritmos da Terra, viabilizando a importância de equinócios e solstícios, afixos momentos essenciais de nascimento, evolução e morte. A forte tradição popular espelha, com toda a sua celebração festiva de ouro, trajes, coreografia, sons e palavras, a alegria e a vitalidade de uma identidade popular que assume as raízes ancestrais e a crença metafísica.”

SOARES, Nuno – Arcos de Valdevez: Fotobiografia de um Território, 1ª edição, edição Município de Arcos de Valdevez, Julho 2010, pág. 11.

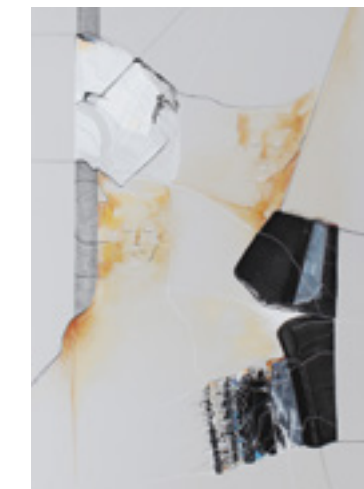
PEDRO RICCA



TERESA RICCA



MARIA RAFAEL



## 2014 – EUGÉNIA DE BRITO

Estava obviamente ansiosa, e memória alguma de infância, por mais agradável que fosse, conseguia iludir esse facto. O casario do centro da vila tinha mais cor e estava recuperado. Cheirava a novo e a tílias.

Tentei chamar à memória o rosto da Mestra, mas não consegui. A pergunta que não lhe fiz ao telefone martelava na minha cabeça, desde o seu telefonema, “o que me quer?” Eu sabia que o tema não poderia ser outro: tinha que ser a avó Matilde. Os pensamentos atropelavam-se uns nos outros e eu tentava bloquear todo o entusiasmo que isto me causava. Tinham passado mais de quinze anos sobre o desaparecimento da avó Matilde, nenhuma ideia sobre o seu paradeiro me conseguia tranquilizar.

Eu era um comboio de ânsias, pouca terra me cobria, pouca terra (eu) pisava. Pouca terra, pouca terra latejava no meu corpo, pouca terra me guiava. Aos poucos a ansiedade transformava-se em ritmo leve. Aprendi a fazer isto, aprendi a controlar o pânico com melodias simples. Convinco-me que resulta e isso já é meio caminho andado para o sucesso. Pudesse eu convencer-me sempre de tudo o que me é inócuo, de tudo o que me seja quase benéfico e poderia oferecer-me garantias diárias de felicidade. Pouca terra fazia germinar esperança na sola dos meus pés, enquanto caminhava para esse encontro.

VITOR F. ALVES



## 2015 – PONTE DE CABREIRO

À construção da ponte de Cabreiro liga-se a figura de Leonel de Lima, fidalgo minhoto de ascendência galega, nascido em 1403, filho de Fernão Eanes de Límia. A este fiel servidor do rei D. João I, em 1398, a casa de Giela com suas pertenças e ainda a jurisdição cível e criminal das Terras de Valdevez, para no ano seguinte lhe conceder várias terras, entre elas a de Valdevez. Herdeiro de uma enorme fortuna, Leonel de Lima construiu uma carreira política que o caracterizou como homem tão poderoso como prepotente e ambicioso. Ao longo do século XV, nas diversas crises políticas que o reino viveu, apesar do seu posicionamento dúbio e oportunista, sempre gozou de protecção régia. A sua intensa acção política na região do Entre-Douro-e-Minho e uma grande longevidade, que lhe permitiu percorrer todo o século XV, do reinado de D. João I até ao de D. João II, fazem deste nobre uma figura dominante na história regional desta época.

Motivados pelos estudos sobre as pontes medievais do concelho de Arcos de Valdevez, da autoria de um dos maiores arqueólogos portugueses, o arcoense Félix Alves Pereira, efectuámos uma visita à ponte de Cabreiro. Quis o acaso que do exame que fizemos ao monumento resultasse a descoberta de uma inscrição inédita, localizada numa aduela do arco menor. O que notabiliza esta ponte medieval é a monumental inscrição em belos caracteres góticos minúsculos, localizada no intradorso do arco menor, abrangendo toda a largura do pegão em quatro fidas de silhares. Esta inscrição diz: “Esta ponte fez o abade de Cabreiro, António Enes, criado de Leonel de Lima e de dona Filipa da Cunha. E foi companheiro, frei Pero de Canedo, freire de S. Domingos de Tui”. A inscrição da aduela do arco menor, escrita em cursivo, diz: “Esta ponte fez António Anes, abade de Cabreiro, criado de Leonel de Lima e de dona Filipa da Cunha. Era de 1462 anos”. A importância destas inscrições está na identificação do estatuto dos intervenientes na sua construção, nobres e clérigos, assinalando a importância política e religiosa desta obra. Não esqueçamos que as pontes na Idade Média eram consideradas obras pias. Também destacam as relações íntimas entre as duas margens do rio Minho. Ainda da maior importância é a possibilidade da datação exacta da sua construção, 1462. Curiosamente, foi este o ano em que D. Afonso V visitou o Alto Minho. Regressando de Monção para Ponte de Lima, muito provavelmente visitou a nova ponte. Neste ponto, podemos especular que Leonel de Lima terá achado que a modesta inscrição da aduela não estava à altura dos seus pergaminhos e, por essa razão, mandou fazer a monumental inscrição para impressionar o monarca.

Texto de José da Silva Ferreira

HUMBERTO SILVA



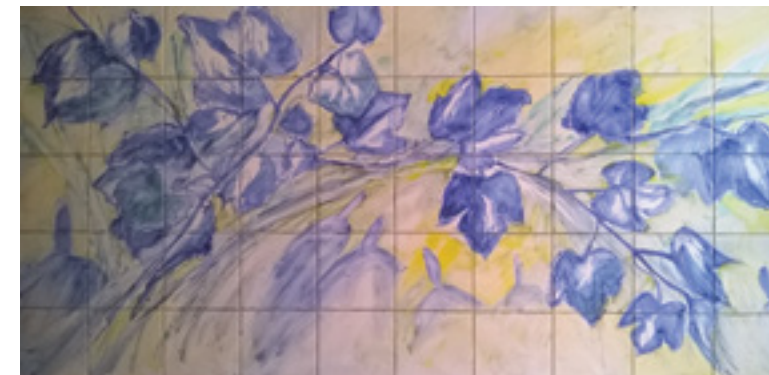
## MARIA INÊS AGUIAR MARÇALO “AGUARELA DO SILÊNCIO”

Quando Maria passava,  
Logo o jardim lhe sorria  
Quer de noite, quer de dia...

Destacava-se um sobreiro  
Da Sua predilecção  
E Ela abria o coração  
Àquele seu companheiro  
Frandoso e tão sobranceiro  
Que, de lá de cima, via  
A Maria, noite e dia...

Casou Maria e saiu  
Um dia, de Valdevez  
E desde que Ela partiu,  
Por longo tempo se ouviu  
A Canção: “Era uma vez...”  
E a frondosa ramaria  
Gemia um nome: “Maria...”

MACIEL CARDEIRA



MANUELA TAXA



## 2015 – O VALE DA ARTE

E o Poeta sonhava. E o Profeta assentia que o sonho havia de cumprir-se: o Rio, deslizando no seu leito de sempre, ora cheio de preguiça, ora perdendo-se na sua fúria avassaladora, mas igualmente belo; o vale, protegido de ventos e intempéries, doce e terno, abrigando mistérios de amores e desamores, aceitando de bom grado aqueles que vêm e querem ficar, num clima de paz familiar; a vila, ao centro, em permanente diálogo com as suas colinas polícromas, a anunciar o rodar das estações; o casario, na sua estática indolência, chora, aqui e ali, a dissonância entre o antigo e o moderno; as ruas, em doloroso silêncio, quase viúvas de arcuenses, vão sendo pisadas por forasteiros, que, pesquisando, na *Internet*, não resistem à tentação de verificar in loco o que os textos turísticos enaltecem: a pureza do sol, a preguiça dos gatos à espera das senhoras sensíveis que, amando-os, lhes saciam a fome. Buscam, nos interstícios das paisagens impregnadas de uma 'Arte' onde o Belo transcende o Homem, segredos de outrora, retalhos de História que não pode morrer, património que não pode ruir. No espelho do Vez, a silhueta das Igrejas continuará a suplicar pela sua permanência. Assim o Poeta a sonhava, esta vila minhota: abrigo de artistas e pensadores que, cansados do bulício dos centros urbanos, das intrigas da política, dos conflitos civilizacionais, nela não-de encontrar o isolamento salutar para expandirem o filão artístico e os demais Valores, que fervilham dentro de si - a explosão da palavra enquanto produto estético; a cor, a luz, o movimento que a pintura convoca; a matéria inerte da pedra bruta a que o cinzel do escultor dá forma; a música, linguagem universal e unificadora; a dança cadenciada, repetitiva, empírica do que ainda resta nos autóctones, os Valores que geram Paz, Bem-Estar, Justiça e Harmonia. Arcos de Valdevez, Vale das Artes, uma imensa galeria, um museu sem lado de dentro, vivido por um povo que, finalmente, sente aquela emoção tão difícil de definir, mas libertadora dos constrangimentos que acabrunham o ser social e o deixam definhar nas garras das injustiças, na cegueira das ignorâncias. Eis o projecto que o Poeta, empolgado no seu imaginário, desenha no mapa da vida que há-de vir, eis a voz do Profeta a conferir-lhe realidade. Oxalá os homens, no seu desenfreado egocentrismo, nos seus comportamentos despidorados, não apaguem este sonho, não descredibilizem a segurança do profeta. Oxalá.

Texto de Albertina Fernandes,  
sobre uma ideia de José Queiroz de Barros Aguiar – Queiroza

## ANTÓNIO JOÃO T. A. QUEIROZ AGUIAR





**AUTORES**



## AMÉRICO CARNEIRO

Natural de Ponte de Lima (1955), residente em Viana do Castelo. Expõe as suas obras regularmente - nas áreas da aguarela, desenho e óleo - desde 1984, data em que se apresentou na IV Bienal de Arte de Vila Nova de Cerveira. Representado em diversas colecções públicas e privadas em Portugal, Espanha, Reino Unido, Alemanha, Bélgica, França, Estados Unidos da América, Finlândia, Nova Zelândia, no Museu Diogo Gonçalves de Portimão, nos Museus Municipal e do Traje, em Viana do Castelo, no Museu Municipal de Caminha e no Museu dos Terceiros, em Ponte de Lima.

Múltiplas Exposições Individuais e Colectivas por todo o Alto-Minho – destacando-se Viana do Castelo, Vila Nova de Cerveira, Caminha e Ponte de Lima - em Barcelos, na Nazaré, em Portimão, em Braga e Guimarães, Cernache do Bonjardim e no Estoril; Em França, em Paris (“11.ème Salon d’Automne de Pontault-Combault”) e na Cidade de Vandoeuvre.

Tem realizado alguma obra gráfica e ilustrado livros de Poesia, bem assim como tem assinado obras de reconstituição patrimonial e etnográfica, estudos de Arte Antiga e Arte Românica, de Heráldica e de Artesanato. De destacar, ultimamente, a Exposição “A Linha do Extremo”/2010, na Casa-Museu do Pintor Túllio Victorino, na Vila de Cernache do Bonjardim, e Exposições “TERRAS DE CAMINIA”; Duas Séries de Exposições consagradas aos “CASTELOS DE PORTUGAL”; “Os de Refóios – Nascimento de Uma Nação” (2011); Poesia : O “Diário Poético”. Colaboração em várias frentes na Imprensa Regional. Diversas Edições caseiras e artesanais no campo dos livros, dos álbuns, dos documentários-video. Autor do Retábulo da Igreja da Sagrada Família em Viana do Castelo, cuja Cerimónia de Dedicção decorreu em 8 de Setembro de 2012.



## AMÉRICO RAJÃO

Nasceu a 19 de outubro de 1952 na Póvoa de Varzim. O seu talento para arte precocemente se manifestou no apetite voraz das suas mãos por miolo de pão, modelando-o criativamente. Paralelamente, durante a sua infância, fez do areal a sua matéria de eleição para a prática da escultura, cuja expressão o transportou, em 1967, até La Baule em França para vencer o 9º Concurso Internacional de Construções na Areia com uma eloquente interpretação do Desterrado, de Soares dos Reis.

Impulsionado pelo gosto de fazer bonecos, usufrui da bolsa de estudos atribuída pela junta central da Casa dos Pescadores, para frequentar e concluir singularmente o Curso de Escultura Decorativa da Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, no Porto. Seguidamente, após um hiato forçado pelo cumprimento do serviço militar obrigatório, concluirá na mesma escola o curso complementar de Equipamento e Decoração ao qual juntará posteriormente a licenciatura em Ensino de Educação Tecnológica da Universidade Aberta.

Expôs individualmente pela primeira vez no Casino da Póvoa de Varzim em 1972 e, colectivamente em 1975 na galeria do Jornal de Notícias, no Porto. Desde então tem exposto regularmente nas mais diversas localidades.

Actualmente, é professor de ET na Escola Básica de Vila das Aves e até há pouco tempo formador no atelier de iniciação à: modelação, cerâmica e escultura, no externato Delfim Ferreira, em Riba d’Ave, resguardando a maioria dos seus momentos livres à prática da escultura, privilegiando temas como o corpo feminino e o mar.

Enriquecida pelo cheiro a maresia da Avenida dos Banhos, na Póvoa de Varzim, a sua obra mais conhecida retrata a típica Banhista de outrora, acompanhada pelo popularizado menino do bal-dinho.



## ANA LAGARTO

Nasceu e reside no Porto.

Concluiu o Curso Superior e Licenciatura de Design de Comunicação em 1987/ ESBAP – FBAUP. Foi docente das disciplinas de Desenho e Projeto de Ourivesaria, entre outras, na EASR. Participou em várias Feiras de Joalheria ( Portojóia e Ourindústria).

Tem feito parte de diferentes Júris das PAA ( Prova de Aptidão Artística) e PAP ( Prova de Aptidão Profissional) na área de Ourivesaria e Joalheria na Escola Artística Soares dos Reis. É membro associado da aorp – associação de Ourivesaria e Relojoaria de Portugal.

Está a preparar uma exposição de jóias e desenhos para a Casa Museu Marta Ortigão Sampaio.

É criadora e designer de Peças de Autor/Joalheria.

(..) Quando a Ermelinda veio um dia lembra-lhe que era Sexta-Feira Santa, e porque no pensamento de um segundo poderiam até caber séculos, por instantes, que lhe pareciam compridos de horas e horas, se lhe figurou ver-se na vila e na capela do Senhor da igreja matriz.

Excerto de “A toca do Lobo” FIGUEIREDO, Tomaz

Aceitei o desafio da criação de uma jóia tendo como premissa o texto anterior onde o elemento central é a igreja Matriz e a qual simbolizei na criação de um alfinete de dama.



## ANTÓNIO JOÃO T. A. QUEIROZ AGUIAR

António João Taveira Queiroz Aguiar - Taroza.



Atelier Queiroza

Arcos de Valdevez.



## ANA REGO

O meu nome é Ana Maria do Rego Rodrigues e assino os meus quadros “Ana Rego”.

Tenho 47 anos, nasci em Portugal, mas muito cedo vou para França na localidade de Paris, onde passo os meus primeiros 16 anos. Em 1984 regresso a Portugal onde frequento o curso de Artes Visuais na escola comercial de Monserrate, Viana do Castelo, sob a orientação do professor e mestre Aníbal Alcino.

Enquanto decorrem os meus estudos começo a desempenhar diferentes tipos de trabalhos, assim como concursos artísticos públicos. Em 1990 a par da pintura, também frequento um curso de pintura em cerâmica artística, na fábrica de louça artística “Vianagrês”.

Após finalizar o curso e o estágio, volto para o meu atelier e começo uma intensa atividade criadora, dando seguimento a várias exposições coletivas e individuais.

Desde 2007 a par da pintura, desenvolvo diversos projetos, tais como o ensino artístico, com cursos particulares de formação e desenho e pintura.



## ANTÓNIO PERES

Artista Plástico (Autodidacta)

Membro da Academia Internazionale “Citta di Roma”

Estudou na Escola Industrial e Comercial Nun’Álvares, 1978

Últimas Exposições:

2008 – Arte Maio – Colectiva Shopping Estação

2008 – “Artistas do Alto Minho” – Vila Nova de Cerveira

2008 – “Presépios” – VIII Prémio de artesanato (menção honrosa)

2009 – D’Art Vez – Arcos de Valdevez (colectiva)

2010 – Arte maio – Colectiva Shopping Estação, Viana do Castelo

2010 – Exposição Colectiva AAETC, Orleans, França

2010 – 100 Anos da República – Artes Plásticas de Artistas Vianenses

2011 – Arte Maio – Colectiva Shopping Estação, Viana do Castelo

2011 – Exposição Colectiva AAETC, Nante, França

1º Prémio em 2003, no concurso “Artes da Raia”, Monção

Exposição individual, 2003, nos Antigos Paços do Concelho, Viana do Castelo

Exposição individual, 2004, na Casa dos Crivos, Braga

Exposição individual, 2005, Galeria Queiroza, Arcos de Valdevez

Exposição colectiva, 2005, “D’Arte Vez, Arcos de Valdevez

(entre outras)

Apresenta trabalhos executados a partir de raízes de árvores mortas.



**ANTÓNIO PINHEIRO**



**ANTÓNIO TROUFA**

Luis Troufa, nasceu em Matosinhos, Porto, em Maio de 1971.

Mora em Viana do Castelo.

Professor de Desenho do curso de Artes Visuais no ensino secundário e de Educação Visual no terceiro ciclo.

Mestrado em Pintura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Artista que tem vindo a desenvolver trabalho no campo da pintura, do desenho e do vídeo.



## ARNALDO

Viana do Castelo, 1955, artista plástico.

Expõe individual e colectivamente desde 1990 (desenho, pintura, escultura e cerâmica). Fez o Curso Superior de Desenho na ESAP, Porto; licenciado em Design Industrial pela ESAD, Matosinhos; possui suficiência investigadora do Doutoramento em Desenho pela Faculdade de Belas-Artes, Pontevedra, Universidade de Vigo.

Participou em residências artísticas em Portugal e Espanha.

Participou na Trienal Latina 92 e 93 em Viana do Castelo (Portugal) e Puy en Velay (França), tendo ganho o 1º Prémio de Desenho.

Ilustrou vários livros, destacando “Menino nome André” de Luisa Quintela – edição Etnia, “O Alto Minho na obra etnográfica de Abel Viana” – edição de João Soeiro de Carvalho e Academia de Música de Viana do Castelo, “Campoamor – uma história de encornados, encornadores e pássaros avisadores” de Hugo Santos – edição Campo das Letras e “Governância Municipal - cidadania e governação nas câmaras municipais portuguesas” de Arnaldo Ribeiro - edição do Centro de Estudos Regionais. Coordenou o livro “Viana a Várias Vozes”, com Fernando Canedo – edição da Câmara Municipal de Viana do Castelo.

Fez cenografia e cartaz para companhias de teatro, entre as quais “Gruta” e “Panmixia”.

Criou escultura em betão da Águia-Real para Parque do Mezio, Porta de Entrada Peneda Gerês, a convite da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez.

Criou o troféu em bronze para homenageados, a propósito dos 30 anos do Centro Cultural do Alto Minho.

Criou uma marca de criações artísticas referente a Viana do Castelo, em 2015, denominada Ana de Viana.



## BELMIRO BELÉM

Belmiro Belém de Sousa, nasceu em Pangim – Goa - Índia  
Estudou Artes Visuais no Maputo Moçambique.  
Exerce actualmente a actividade de Designer Gráfico

Exposições:

1978 / 85/ 90/ Câmara Municipal de Penafiel

1979 / 81 / 82- Sind. dos Trab. Do Com. de Penafiel

2005 - Galeria Actos - Porto

2005 - Fundação Jorge Antunes - Vizela

2012 - “Fusão” Centro Cultural de Chaves

2012 - Galeria Maria Priscila Casa da Cultura de Vidago

2012 - Centro das Artes do Espectáculo – Sever do Vouga

2013 - Biblioteca Municipal de Penafiel

Distinções:

-2001 – Prémio Mestre Albino J. Moreira (1º Classificado – Pintura)

Vila de Moreira - Maia

- 2003 – 3ª Bienal de Artes Plásticas da Maia ( Menção Honrosa Extra Concurso) Fórum da Maia

- 2004 – Prémio Mestre Albino J. Moreira (Menção Honrosa)

Vila de Moreira - Maia



## BRUNO RAJÃO

Olá, chamo-me Bruno Rajão, cresci no Vale do Ave e tenho já 30 anos. Entre diversas coisas que realizei ao longo da minha vida, em 2008 licenciiei-me em Escultura, pela Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto e, mais tarde, tornei-me mestre em ensino de Arte Visuais, pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da mesma Universidade. Atualmente, além de ser artista plástico, sou em simultâneo professor e aluno. Como ainda não me cansei de estudar, frequento o Mestrado em Ilustração e Animação no Instituto Politécnico do Cavado e do Ave.

Em relação ao meu trabalho, a conceção é simples, procuro satisfação no desenho e na escultura tal como uma criança, que numa brincadeira, reflete novas formas e ideias imaginárias nos objetos que a rodeiam. Aos meus olhos faz sentido o desenvolvimento do trabalho artístico como um ato relaxado e despreocupado, de prazer e satisfação, de divagação e devaneio, por vezes um ato social. No fundo, um entretenimento.

Faço bonecos porque gosto, porque me apetece e porque sim.

Participação em eventos artísticos:

2010 – participação em “Feiras Francas” – 4.ª edição, Palácio das Artes. Porto

2010 – participação com os Ready Mind no Oporto Show, Alfandega. Porto

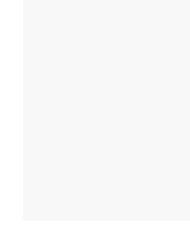
2010 – participação na exposição do Get Set Art Fest, OPO’lab, Porto

2010 – participação na mostra de artes plásticas nos espaços do Cinanima, Pavilhão Multimeios.

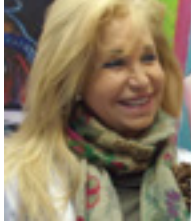
Espinho

2012 – CONFIA, exposição de estudantes do MIA – IPCA. Ofir

2013 – GNRnation, exposição de estudantes do MIA – IPCA. Braga



## CARNEIRO RODRIGUES



## CARMEN TOUZA

2014.- Primer Premio y Medalla de Oro XXXVII EDIZIONE MEDUSA AUREA ROMA-Itali / Primer Premio y Medalla de Oro Salão Internacional de SÃO PAULO-Brasil / Master das Artes Plásticas da Cultura Nacional da Republica Federativa do Brasil

2013.- Gran Colar de Comendadora das Artes Plásticas de SÃO PAULO-Brasil / Brasão das Artes Plásticas SÃO PAULO-Brasil / Es invitada a participar en el Anuario Enciclopédico Internacional d'Arte Moderna y Contemporánea "KARISMART 2013" TORINO-Italia

2012.- La Presidenza Generale dell'Accademia Internazionale Santarita ed il Consiglio Directivo dell'Accademia, decreta la nomina ufficiale di "Accademica d'Onore" in riconoscimento dell suoi valori artistici nel campo delle Arti. TORINO-Italia.

- Es invitada a participar en el Anuario Enciclopédico d'Arte Moderna KARISMART 2012 TORINO.

2011.- Exhibition International Artists in America "Graphic Work Monoprint" 1/1 Certified by Museum of the Americas MIAMI-USA. / Tribute Women Artists - Crisollar Gallerias NEW YORK - USA.

2010.- Special Honorable Mention WOMEN IN THE ARTS Museum of the Americas MIAMI - USA.

- 100 CONTEMPORARY INTERNACIONAL ARTIST EUROPEAN COMMUNITIES - MIAMI - USA

- Special Honorable Mention in "HISPANIC HERITAGE" Museum of the Americas MIAMI - USA

Obra en colecciones particulares y organismos oficiales:

Alemania - Suiza - Francia - Italia - Portugal - EE.UU. - Emiratos Árabes Unidos (AEU) -

Japón - Shanghai - Singapur y Argentina



## CLÁUDIO RICCA

Porto, 1951

É arquitecto pela Escola Superior de Belas Artes do Porto, exerce a profissão desde 1976, com trabalhos em diversos Concelhos do Norte do país e no arquipélago da Madeira.

Colaborou com escultores em trabalhos como o "Monumento à Rendilheira" em Vila do Conde.

Exerceu a docência no ensino público de 1973 a 2008.

Autor de trabalhos de design gráfico, com destaque para os logotipos do Conservatório de Música do Porto, do Círculo Portuense de Ópera e da Escola Secundária da Boa Nova.

Autor de diversas peças de mobiliário e uma extensa coleção de objectos de prata contemporânea, que figuraram em exposições individuais e na exposição colectiva "Ourivesaria do Porto Séc. XX" em 2001/2002, na Fundação Museu Guerra Junqueiro.

Realizou no Porto no ano corrente uma exposição individual de desenhos intitulada "Anteprojectos".

Tem apresentado trabalhos de desenho e outras técnicas em exposições colectivas e esteve presente nas bienais "d'art-VEZ" em 2011 e 2013.



## CLOÉ

Nasceu na Cidade de Fafe em 1952, onde reside.

De 1954 a 1975 viveu em Luanda (Angola). Formou-se em modelismo e design de moda na Academia de Artes do Porto, modelação de cerâmica e azulejaria na Escola Soares dos Reis no Porto e de pintura e desenho na Escola Superior Artística do Porto.

Dedicou-se à Moda e às Artes Plásticas.

Além da sua actividade profissional, desenvolve relevante actividade artística, designadamente na área da pintura, desde os seus tempos de África, sob o pseudónimo de “Cloé”, tendo efectuado diversas exposições individuais e colectivas em diversos locais.

Em 2011 lançou o seu primeiro livro com o título «A QUE CHEIRAM AS GIESTAS».



## DUARTE NUNO AMORIM

Duarte Nuno Pinheiro Valério de Azevedo Amorim, natural do Couto, Arcos de Valdevez.

Autodidata.

Participa regularmente em exposições de pintura.

Especialista em artes plásticas e visuais, nomeadamente em pintura a óleo, acrílico, aguarela e desenho a nanquim.

Inicialmente dedicava-se ao naturalismo, paisagismo e, mais recentemente, ao abstracionismo.

Professor de pintura na Universidade Sénior em Ponte da Barca.



## EDUARDO PIMENTA

Nasceu em 26 de Novembro de 1958. O seu percurso profissional teve início na FotoBeleza de Arcos de Valdevez, um negócio familiar com uma longa tradição.

Participou em exposições fotográficas e em diversos Seminários, Colóquios e Workshops, de carácter nacional e internacional, que complementam o seu currículo profissional.

Participou como Orador no XIV Seminário de Fotografia e Vídeo da A.F.P. (Associação de Fotógrafos Profissionais).

Colabora com vários jornais e revistas locais e nacionais, assim como em edições de obras particulares das quais se destacam: Arcos de Valdevez, Fotobiografia de um Território.

Juiz Qualificador de Fotografia pela A.F.P.(Associação de Fotógrafos Profissionais)

Por qualificação de obras fotográficas atingiu a categoria de Especialista em fotografias de casamento.

É Mestre Fotógrafo titulado pela mesma associação

Recentemente alcançou o Q.E.P. (Qualified European Photographer) em Fotografia de Casamento atribuído pela F.E.P. (Federation of European Photographers).



## ELIAS COCHÓN

Elías Cochón Rei nasceu em 1966 em Vilagarcía de Arousa, Pontevedra  
Exposições (seleção)

2014: Artista Convidado 37th edição Medusa Aurea, A.I.A.M. Roma. Itália.  
Visiões Ibéricas, Galeria Carneiro Rodrigues, Chaves. Portugal.

2013: Junta de Galiza. Pontevedra.

“A dozen + 3”. Espaço Sumay. Vilagarcía de Arousa. (Pontevedra).

2012: Figure to abstraction. Porto de Ferrol. Ferrol. (A Coruña).

Grandes Mestres de obra Gráfica. Torino (Itália).

2012: Independencia. Orizuru Gallery. Pamplona. (Navarra).

Karismart. Artists of the International Academy of Modern and Contemporary Art. Torino (Itália).

Japan Independence. 65ª Itinerant exhibition .The national art center of Tokyo.

Kyoto Municipal Museum of Art. Kyoto.

Hiroshima Prefectural Art Museum. Hiroshima. (Japan).

XIII Salão Internacional Hivern 2012 . Esart Gallery. (Barcelona).

International Monoprint 1/1 Certified by the Museum of the Americas 2012, in Doral . Florida

2011: Singapore art fair.

Perseidas. Crisolart Galleries. ( Barcelona).

Building. Casa de Galiza em Madrid.

Basel Art Fair. (Suiça).

Dallas Art Fair. Dallas



## ELOHIM

José García é artista multidisciplinar sempre na vanguarda das correntes artísticas, criando ambientes de interação submergindo-se numa experiência Metafísica que, conectando com EloHim nos submerge numa viagem ao universo interior, através de uma rota iniciática, que torna visível o invisível, penetrando num espírito, em que a Magia dos pigmentos e do cosmos nos convida a refletir, a pensar quem somos, de onde vimos e para onde vamos.



## FERNANDA VILASBOAS

Fernanda Amaro do Nascimento Vilas Boas, nasceu em Viana do Castelo, em 1964. Vive e trabalha em Viana do Castelo. Professora de Artes Visuais e artista plástica. Curso Superior de Desenho, Escola Superior Artística do Porto (ESAP). Curso de qualificação para o exercício de outras funções educativas na área da Comunicação Educacional e Gestão de Informação-Tecnologia Educativa, Instituto Politécnico de Viana do Castelo – ESE. Com forte vínculo à cultura tradicional minhota, produz trabalhos em áreas diversificadas, que vão desde a pintura à escultura, das instalações à joalheria contemporânea, passando pela ilustração e design de moda. Expôs individual e coletivamente em diversas galerias e museus do país, com especial destaque para as exposições, “À Flor da Pele”, realizada em 2014 no Museu do Traje de Viana do Castelo e “À Flor do Mar” em 2015 no Museu de Artes Decorativas de Viana do Castelo. Participa com uma escultura na XVIII Bienal Arte de Cerveira, 2015. Participa com uma escultura na 1 Bienal Arte de Gaia, 2015.



## FERNANDO CERQUEIRA

Fernando Cerqueira é licenciado pela faculdade de belas Artes de Toulouse França. Professor do grupo de Artes Visuais exerce a docência no Agrupamento de escolas de Valdevez desde 2001. Filho de emigrantes instalados em Bordéus, decidiu voltar ao reencontro das suas raízes minhotas, divulgando a sua paixão pelas artes plásticas. Apresenta nesta nova edição d'artvez um projeto escultórico alusivo ao Foral de 1514 da vila de Soajo, prémio vencedor do concurso promovido pela câmara municipal de Arcos de Valdevez. “Uma mão emerge da Concha segurando o foral Manuelino. A carta foral ergue se como um ceptro símbolo do poder régio. No seu comprimento lê se DEO IN CELO TIBI AVTEM IN MVNDO (A Deus no céu e a ti na terra: divisa de dom Manuel I). O rebordo da carta, ondula semelhante as ondas do Mar, é uma vela ou a serra do Soajo simbolizadas no Brasão da Vila.”



## FERNANDO HILÁRIO

Nasceu no Porto em 1953.

Professor.

Expõe desde 1988.

ÚLTIMAS EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS:

2012 – Galeria D'Arte da Clínica Ortopóvia, Póvoa de Varzim

2006 – Atelier Galeria Bar Queiroza, Arcos de Valdevez

2005 – Centro Comunitário de Vilar do Monte

2001 – Torre da Cadeia Velha, Ponte de Lima

– Associação Nacional de Jovens Empresários, Porto.



## FERNANDO RIBEIRO

Desde 1976 que se dedica à recolha de imagens, particularmente dos Arcos, tendo-se inicialmente vocacionado com maior incidência para a modalidade do slide. Desta resultaram inúmeros trabalhos litográficos publicados em cartazes, livros, revistas, jornais, etc.

Com o apoio do Pelouro da Cultura da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez, apresentou em itinerância “AO ENCONTRO DO PATRIMÓNIO ARCUENSE”, um trabalho de recolha, do surpreendente acervo do multifacetado património Arcuense, tendo uma pequena parte do mesmo sido mantido exposto em permanência na Capela da Praça.

Apresentou “ARCOS... QUE MEUS OLHOS VIRAM”, ensaio que reflectia momentos dos Arcos nas suas várias facetas.

“ARCOS... LUZES DE RIBALTA” foi mais um trabalho apresentado no singular, sobre o qual, Monseñor João Gomes citava: “A noite convida ao sonho, e este com o flash luminoso, transforma-se na realidade que o actor/autor descobre e comunica. A realidade duma terra de sonhos – os ARCOS. As luzes estão acesas!...Estão no candelabro!

Uma exposição de luzes, um conjunto de Fotografias que resultam num belo candelabro de espelhos no céu estrelado dos Arcos”

Participou também em diversas exposições colectivas.



## FLORENTINA RESENDE

Nasceu em 1950 na cidade de Matosinhos.

Com formação em Pintura na Árvore Cooperativa de Actividades Artísticas estagiou no Centre de Formation à la Peinture, Lyon France. Fez o Curso “História da Arte Contemporânea” Curso “Temas e Teorias de Estética da Arte Contemporânea” e, ainda o Curso da “Neovanguarda à Actualidade” - Sociedade Nacional Belas Artes, Lisboa.

Participa em exposições desde 1984 Realizou até ao momento 19 exposições individuais e cerca de duas centenas de exposições coletivas em vários países, tais como: Portugal, Espanha, França, Bélgica, Áustria, Itália, Brasil, U.S.A., Malta, Reino Unido, Alemanha e Japão.

Encontra-se representada em diversos organismos públicos no país e estrangeiro.

Foi distinguida com prémios em Portugal, Malta, França, Bélgica e Áustria.

Blogue: <https://florentinaresende.blogspot.pt/>



## FRANCISCO ALVES

Francisco José Cordeiro Alves, é natural de Torre de Moncorvo  
Licenciado em Design de Comunicação pela Escola Superior de Belas Artes do Porto.  
A fotografia digital é o seu principal hobby.  
Participou em várias exposições colectivas e individuais.  
Premiado no concurso de Fotografia “Património Natural e Cultural “ do concelho de Mação.



## HENRIQUE RIBEIRO

Henrique Ribeiro, nasceu e vive em Arcos de Valdevez.  
Cedo sentiu a necessidade de se expressar através de "algo, que saísse das suas mãos".  
Ao longo dos anos, os seus interesses repartiram-se por várias áreas: artes decorativas, pintura a óleo, pintura em porcelana (arte do fogo), entre outras.  
O investimento na sua formação tem contribuído para o aperfeiçoamento das diferentes técnicas que utiliza.  
Realizou diversas exposições colectivas e individuais quer na sua terra, quer em outras localidades do País.  
Não vive da Arte, mas é n' Ela que reside parte da sua felicidade! ...



## HERMÍNIA CÂNDIDO

Natural e residente do Porto, Portugal.

Licenciada em Ensino de Educação Visual.

Sócia da Árvore – Cooperativa da Actividade Artística C.R.C.

Integra o “Grupo Nove”.

Artista residente International Zarco Academy of Aras.

Expõe desde 1995.

Participações colectivas 2013-2014:

XXVIII Exposição Colectiva dos Sócios da Árvore. Museu Nacional Soares dos Reis, Porto.

5ª Edição Madeira International Art Bienal. Museu da Electricidade e Terminal de Cruzeiros. Funchal, Madeira.

D'arte Vez - Casa das Artes - C. M. de Arcos Valdevez

XXVII Exposição Colectiva dos Sócios da Árvore. Biblioteca Municipal Almeida Garrett, Porto.

Presença em bienais

I Bienal de Artes Plásticas de Penedono

7ª Bienal da Marinha Grande

X Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira

6ª Bienal de Artes Plásticas Prémio Vespeira – Câmara Municipal do Montijo

V Bienal de Arte do Rotary Club - V.N. Gaia

Prémios e Menções Honrosas:

1º Prémio na 6ª Bienal Rotary Club da Maia

Menção honrosa na 1ª Bienal de Artes Plásticas de Penedono



## HUMBERTO SILVA

Humberto A. Cruz (HBT), nasceu em Baltar em 1960.

Vive em Arcos de Valdevez e é professor na Escola Profissional de Fermil, Celorico de Basto.

Exposições Individuais:

1984 “Pintura 83”, Universidade de Évora, Évora, Fevereiro de 1984.

“Passo a Passo”, Palácio D. Manuel. Évora, Maio de 1984.

1996 “Pintura 90/96”, Casa da Cultura de Melgaço. Melgaço, Julho de 1996.

1998 “Esposende”, Área de Paisagem Protegida Do litoral de Esposende. Esposende, Julho de 1998.

1998 “Pintura” Auditório Municipal de Gondomar. Gondomar, Março de 1998.

1998 “Vestígios”, Museu Municipal de Arqueologia de Silves. Silves, Março de 1998.

2000 “A Terra aos Quadrinhos” Casa do Ambiente e do Cidadão. Lisboa, Junho.

Diversas Exposições na Escola Profissional de Fermil, Celorico de Basto.

2010 “Vestígios” Câmara Municipal de Mondim de Basto e Agua Hotels Mondim de Basto.

2012 Câmara Municipal de Mondim de Basto.

2015 Ordem dos Engenheiros do Norte.



## IOLANDA PARENTE

### IOLANDA PARENTE

Nasceu em Viana do Castelo, em 1963.

Licenciada em Pintura pela Faculdade de Belas Artes do Porto

Mestre em Educação Artística pela University of Surrey - Londres

Professora desde 1990, em diversos níveis de ensino: Básico; Secundário; Profissional; Superior e

Formação para Adultos nas áreas de Artes Visuais, Cerâmica Artística e Azulejaria.

Formadora nas áreas das artes plásticas - Pintura, Cerâmica e Pintura de Azulejos

Exposições individuais e coletivas desde 1989.



## ISABEL LAGARTO

Nasceu no Porto, sob o signo de gémeos, em 1959, mas vivi a minha primeira infância em Sabadim, Arcos de Valdevez, com os meus padrinhos e avó. Ligam-me a esta terra os seus encantos e os vínculos das memórias.

Licenciei-me em Escultura, na Faculdade de Belas Artes do Porto e ingressei na docência em Ponte da Barca. Um percurso marcado pela paixão de ser professora com a vertigem das Artes.

Em 2011 aceitei o convite da Universidade Católica do Porto e integrei o projeto Arco Maior, que me encantou e onde me encontro em Cooordenação e a ensinar aprender através da arte.

Exposições:

xposição de escultura Casa das Artes, Porto

Coletiva – Fórum da Maia

Coletiva da FBAUP

Comemoração dos 25 anos da Cooperativa «Sete Bicas», Matosinhos.

«A arte que aqui se faz» Posto de Turismo de Gaia

«A arte um contexto Inclusivo» apresentação pública na Câmara Municipal de Matosinhos.

Bienal d'art-vez, coletiva, Casa das Artes, Arcos de Valdevez.



## JOAQUIM POMBAL

Joaquim Pombal, é pintor e escultor ceramista. Iniciou a sua carreira em 1985.

É autor de uma vasta obra em Azulejaria e murais cerâmicos. Desde 2007 assume-se como escultor e "performer" de projectos de grandes esculturas cerâmicas incandescentes em eventos de Land Art.



## JORGE SILVA

Jorge Silva nasce no ano 1984 em Arcos de Valdevez, fotógrafo autodidata, frequentou alguns cursos na área da fotografia, para uma melhor aprofundamento e conhecimento daquilo que se veio a tornar a sua forma de estar na vida. Tem patente no seu trabalho os seus estados de espírito, as suas emoções, tudo aquilo que o move até conseguir a captação do momento certo, fixando-o. Participou e participa em várias exposições coletivas e individuais nos últimos anos.

Busco um testemunho, construindo um significado, faço a escolha, seleciono o tema e tento contar uma história através da objetiva, congelando o momento. Caberá depois a cada um de vós espectadores o desafio de ler esse instante por mim captado.



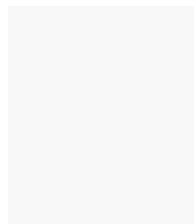
## JOSÉ ANTÓNIO COSTA E SILVA

José António Costa e Silva, nasce no Porto onde vive e trabalha. Técnico do Ministério de Educação e Ciência tem como hobby, a fotografia e mais recentemente as instalações cénicas. Participou em exposições individuais e coletivas tendo as suas obras fotográficas obtido distinções e méritos em diversos certames.



## JOSÉ ARMANDO AMORIM

José Armando Pinheiro Valério de Azevedo Amorim, natural do Couto, Arcos de Valdevez. Estudou na Escola de Artes Decorativas Soares dos Reis, Porto. É designer, e tem experiência em Pintura, Ilustração, Desenho (morfologia humana, desenho livre e geométrico), Estilismo e Escultura. Foi professor no CITEM - Centro Internacional de Técnicos de Moda, Porto e atualmente na Epralima.



## JOSÉ A. FONDEVILA GARCIA

Nasceu em SILLEDA (Espanha) em 1952.

Diplomado pela Universidade Internacional de Arte de Miami "INTERART" em 1982.

Realiza a primeira exposição individual em 1993.

Exposições (selecção) 2015:

Participação no livro de Artistas Europeus apresentado na Exposição internacional "MEMORIAS DE LA INFANCIA" realizada na Casa del Tunel de Tijuana, México.

Exposição individual na Universidade de León. Sala do Campus de Ponferrada.

Exposição antológica em Silleda.

Individual no Teatro Juan Bravo da Diputação de Segovia

2014: Individual Galeria do edifício administrativo de la Junta de Galiza em Pontevedra

2011: Exposição individual "Compromisso e liberdade" no Centro Galego de Santander.

Participação no concurso exposição internacional "7 ARTISTA DE 7 PAISES" no MUSEUM OF THE AMERICAS de Miami Florida onde obteve Menção Honrosa

2010: Participação em Arts` 2 Bruselas (Salão Internacional de artes contemporâneas)

Primeiro prémio no Concurso "Hispanic Heritage in Américas" Organizado pelo Museu das Américas de MIAMI.

2006: Primeiro prémio no II Certame de Pintura "El vino y su Entorno" Pontevedra.



## JOSÉ NICOLAU

José Manuel Nicolau Ferreira

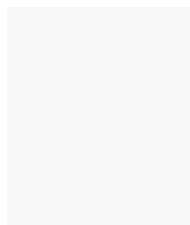
Inspetor Tributário da AT - Aposentado

Dedico-me à pintura como amador, desde há cerca de quinze anos, começando no atelier de Macedónia Pereira, em Leça da Palmeira.

Participei em várias exposições colectivas: duas no âmbito mais restrito da Direcção de Finanças do Porto, outra promovida pela Câmara Municipal de Valongo .

Realizei também, juntamente com o pintor Manuel Carneiro, de Ermesinde, uma exposição que decorreu no Centro Cultural de Alfena.

Frequento as aulas do Pintor José Alves, em Alfena, há cerca de dois anos.



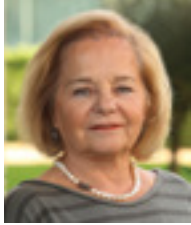
## LEONOR SOUSA

Leonor de Jesus da Trindade Limas Pereira de Sousa, nascida em Vagos a 30 de abril de 1961. O talento de artista revelou-se desde muito cedo no mundo das artes. Concluiu o ensino secundário na área de Artes no Liceu Dr. Manuel Laranjeira. Já participou em diversas exposições, individuais e coletivas, tendo já sido premiada pelo seu trabalho num concurso Internacional de Pintura. Revela produção artística intensa e fecunda. A sua técnica revela-se por várias formas de expressão, compreendendo a pintura figurativa e abstrata, a óleo ou a acrílico, o crochet, a malha, os bordados, a decoração e também a escrita fazem parte da sua arte, à qual se entrega com paixão deixando transparecer uma personalidade carismática e irreverente. Não recusa a inovação e não limita sua obra surpreendendo pela constante experimentação.



## LOREM

Desde tenra idade que LOREM sente uma especial atração pela pintura e pelo desenho. Os seus primeiros trabalhos foram desenhos a lápis, fazendo-se seguidas incursões por técnicas como carvão, pastel, ceras, acrílicos e aquarela. A sua primeira exposição teve lugar em Pontevedra em 1992. Nesse mesmo ano de 1992 retoma os seus estudos de arte, aperfeiçoando técnicas como óleo e aquarela. Será a partir daqui, que LOREM, decide voltar a mostrar as suas criações, numa primeira fase na sua cidade natal e posteriormente por várias cidades de Espanha, Itália, França, Portugal, Andorra e ilhas Canarias.



## LUÍSA BARROS

Luísa Barros, nasceu em 1945, no distrito de Aveiro.

Estudou no Porto.

Participou em várias exposições coletivas. Fez duas exposições individuais.

Tem quadros nos Estados Unidos, Brasil e México...



## MACIEL CARDEIRA

Avelino Maciel Gomes Cardeira (27-01-1978)

Curso de Formação Artística na Sociedade Nacional Belas Artes de Lisboa - Mestrando educação artística ese Viana Castelo 2011/2012 - Curso D'Arte Cerâmica - Professor oficina de artes.C.a.o. centro actividades ocupacionais para pessoas com deficiência SCMVV desde 2004 - Prémio Jovem Revelação D'Arte 99 - Grande Prémio da Bienal Internacional de Arte Jovem 99 - Prémio Aquisição Serigrafia Falé - 2006, Prémio "atelier D'Arte 2006" ( atelier Maciel Cardeira) - Prémio de Fotografia Associação Humanitária Habitat 2002 - Responsável pela cenografia do Grupo de Teatro X Acto 2003 - Inúmeras exposições individuais e colectivas, nomeadamente: -1997, Café Viana – Braga -1997, Galeria Espaço Real – Braga -1998, Arte Jovem Bracarense, Casa dos Crivos – Braga -1998, Caixa Geral de Depósitos – Amares -1999, I Bienal Internacional de Arte Jovem – Vila Verde -2000, Polisarte- Museu do Surrealismo – Famalicão -2000, Projecto Baluarte na Fortaleza de Valença -2000, Minharte, Pintura – Vieira do Minho -2000, Biblioteca Municipal de Oliveira de Frades – Viseu -2001, -2005, Escultura/Monumento de Homenagem ao Escuteiro, Barnudo Vila Verde (obra pública) -2005. Medalhão homenagem Padre Acácio capelão Sra da Abadia .Amares 2013. Medalhão bronze esfinge Dr.Domingues Lopes.casa do brinquedo e da brincadeira 2015. -Colecção Pública da Biblioteca Professor Machado Vilela -Colecção Pública da Câmara Municipal do Montijo - Colecção Pública do Centro Cultural Português de Dembury, Nova Iorque – EUA - Força aérea portuguesa Esquadra 502 base aérea Montijo. Paralelamente á obra publica escultórica maciel cardeira tem desenvolvido um trabalho de pesquisa e intervencao escultórica sustentado no movimento land art tendo neste momento intervenções em Portugal , Espanha, França, Luxemburgo, Suécia, Brasil, Dubai.



## MANUEL MONTE

Manuel João Monte, nasceu em Vila do Conde, em 29/8/1949.

É Professor Associado do Departamento de Química e Bioquímica da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e coordena o Grupo de Termodinâmica Molecular e Supramolecular do Centro de Investigação em Química desta universidade.

Não tem formação académica na área das artes plásticas, mas cultiva o gosto pelas artes, repartido pela música, fotografia e pintura (pastel), a que se tem dedicado como amador.



## MANUELA TAXA

Nasceu em Matosinhos, vivendo desde a infância no Porto.

Na adolescência revela vocação pelas artes. Faz o Curso do Conservatório de Música do Porto.

Em 1964, viaja para Moçambique onde viveu e lecionou durante 8 anos. Em 1974, permanece no Rio de Janeiro, mas acaba por se radicar em São Paulo. Em 1978, regressa a Portugal dedicando-se novamente ao ensino oficial da música.

Foi elemento do Conselho Diretivo da Escola “Dr. Leonardo Coimbra, Filho”, onde exerceu funções de docente desde 1988 até 2006.

Em busca do conhecimento, viaja, visita museus e exposições, numa pesquisa e aprendizagem constantes. Exalta o lado pictórico da natureza... a paixão pela arte não estava de todo alimentada... decidindo enveredar no mundo da pintura definitivamente. Faz formação na área das artes plásticas com artistas conceituados e trabalha no seu atelier no Porto.

1956, frequenta o Conservatório de Música do Porto; 1960, recebe o prémio da Fundação C. Gulbenkian em História da Música; 1976, frequenta um curso de reciclagem cultural em São Paulo, Brasil; 1977, obtém o prémio de pintura a óleo na casa de Portugal, em São Paulo; 1978, profissionaliza-se, no Porto, no ensino da música; 1982, trabalha em projetos de formação com a DREN; 1983, participa no Projeto Renascença da Cidade, no Porto; 1984, orienta estágio na área da música; 1988, é membro do Circulo Portuense de Ópera; 1990, coordena as atividades culturais na escola Dr. Leonardo Coimbra, Porto; participa em projetos pedagógicos com a Fundação de Serralves; frequenta cursos de formação tanto na área do ensino como nas artes plásticas.

Tem participado em bienais, prémios, concursos e diversas exposições individuais e coletivas, nomeadamente em São Paulo, Paris e Madrid. Está representada no Paço dos Duques de Bragança em Guimarães.



## MÁRCIA SILVA

Nasceu em 1980 em Arcos de Valdevez. Desde criança demonstrou interesse pelas artes, mas foi quando o Porto e posteriormente Vila Nova de Famalicão a adoptaram enquanto estudante que o contacto com um mundo de cultura artística se tornou mais próximo, começando este interesse a manifestar com mais intensidade, muito especialmente pelas áreas de decoração, arquitectura, pintura e fotografia.

Foi esta paixão que a levou a ingressar o curso de arquitectura na Universidade Lusíada, ao longo do qual o interesse pela arquitectura de interiores e pelo design se foram intensificando e tornando num objectivo a alcançar.

Actualmente, a residir em Arcos de Valdevez, exerce arquitectura e é gerente do atelier de arquitectura/galeria de Arte “Partes d’ Arte”.

Espontânea, pretende conservar intacto o seu ser mais íntimo, mais vibrante, mais sonhador. Vive do momento e de se encontrar em consciência, em liberdade. Fascinada por tudo o que a rodeia, apresenta-se sempre com um sorriso para a vida.



## MARGARIDA DIAS

Natural de Arcos de Valdevez, onde reside e tem dedicado grande parte da sua vida profissional à Educação de Infância, como docente.

É também Licenciada em Educação, Pós-Graduada em Sociologia da Educação e Políticas Educativas, pela Universidade do Minho.

Possui Mestrado em Educação Artística, realizado no Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Frequentou aulas de pintura em porcelana/Arte do Fogo, sob a orientação do multifacetado artista arcuense – Henrique Ribeiro.

Fez um Curso de Artes Decorativas promovido pela ACIAB.

Tem uma pintura em porcelana, publicada na capa do romance Esperança, da escritora Albertina Fernandes.

Participou em exposições coletivas, no Ateliê Queiroza e na Casa das Artes de Arcos de Valdevez.



## MARGARIDA JORGE

Margarida Jorge é Engenheira Agrónoma de formação, mas desde tenra idade adora a arte. Sempre roubou tempo aos seus estudos para se dedicar à arte e inclusive à sua vida pessoal, trabalhando em ateliês de pintura em Portugal e Espanha, com grandes Mestres da pintura destes dois países, tempo esse que ela aproveita da melhor forma, tomando contacto com novas técnicas. Com o tempo criou a sua galeria na cidade de Braga, curiosamente numa rua com o seu nome: Rua de Santa Margarida n 33 Braga Portugal.

Começa a destacar-se na pintura geométrica que experimentou e desenvolveu durante anos e que a acabaria por fazer tornar conhecida no meio artístico.

Com os anos, com os estudos e com o contacto com outros artistas que vão expondo na sua Galeria, mas sobretudo pela sua grande imaginação, decide aventurar-se por outros caminhos com criações mais livres e menos dependentes da geometria.

Assim Margarida Jorge pode situar-se em diferentes categorias dada a riqueza e progressão do seu trabalho ao longo dos tempos, onde, em última instância, ela se revela.

Nesta mostra Margarida apresenta a obra: No Silêncio dos Meus Cavalos Vermelhos.



## MARGARIDA ROCHA

Nasceu a 19 de Abril de 1992 em Viana do Castelo onde viveu até 2010.

Nesse mesmo ano mudou-se para o Porto, onde começou a estudar Artes Plásticas (ramo de Pintura) na Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto.

Desde cedo Em 2014 veio a concluir a licenciatura e nesse período de tempo teve várias exposições coletivas, das quais se destacam:

2013- Exposição coletiva Do Douro ao Torto - organizada no âmbito da parceria estabelecida pela FBAUP com a Ramos Pinto, Galeria dos Leões, Porto.

2013- Exposição coletiva artiCOLAR – organização conjunta da Faculdade de Medicina Dentária e Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto (com catálogo).

2013- Exposição coletiva Uma Escola Cara a Cara, Galeria dos Leões, Porto.

2014- Exposição coletiva Salão da Primavera Prémio Rainha Isabel de Bragança, Galeria de Arte do Casino Estoril, Estoril (com catálogo).

2014- Exposição coletiva Projeto Aberto – Finalistas Artes Plásticas (Pintura) 2013/2014, Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto, Porto.

2014 – Exposição coletiva PINTURA E(M) PROCESSO, Fórum da Maia, Porto.

2014- Exposição coletiva na Faculdade de Verona, Itália.



## MARIA EDUARDA LEITÃO

Natural da cidade do Porto.

Aluna da artista Rosina Cadima.

Exposição individual nos Arcos de Valdevez em 2009.

Participação em diversas exposições coletivas.



## MARIA PIEDADE SILVA

Nasceu a 1960/10/07.

Habilitações académicas – Curso de fotografia no instituto internacional de marketing.

Fotografa profissional há cerca de 32 anos.

Experiência nas áreas de reportagem, fotografia de moda.

Frequenta aulas de pintura com a professora Rosina Cadima há cerca de 13 anos.

Participação na Exposição colectiva de pintura na Junta de Freguesia de Custóias.

Participação na exposição colectiva de pintura no edifício da Segurança Social do Porto.



## MARIA RAFAEL

Natural do Porto. Curso de Pintura e História de Arte Contemporânea na Cooperativa Artística Árvore - Porto

Expõe desde 1989. Participou em inúmeras exposições em Portugal, Espanha, Itália, Brasil, Alemanha, Malta, E.U.A., Bélgica, Inglaterra e Japão. Referenciada em publicações e livros de Arte em Portugal Itália e E.U.A. Representada em coleções públicas e privadas no país e estrangeiro.



## MARTA AGUIAR

Nasceu em Angola, em 1972.

Licenciada em Artes Plásticas- Escultura pela Faculdade de Belas Artes da universidade do Porto (FBAUP).

Pós Graduação em Artes Decorativas pela Universidade Católica do Porto.

Participa desde 1995 em exposições individuais e colectivas.

Da sua área de trabalho destacam-se ainda a participação em projectos de intercâmbio cultural, entre Portugal, Brasil e Moçambique, produção de cenografia, ilustração e curadorias.

Está representada em colecções particulares e institucionais em Portugal e no estrangeiro, (Câmara Municipal da Maia, Câmara Municipal de Sernancelhe, Câmara Municipal de Coruche, Casa das Artes de Mértola).



## MORGADINHO

Luís Morgadinho, nasceu em Coimbra.

Reside actualmente em Santa Comba de Seia.

Tem integrado as actividades do colectivo poético, “Cabo Mondego Section of Portuguese Surrealism” desde 2009.

Participou a convite do Movimento Surrealista Internacional na exposição, Surrealism in 2012, Goggleworks Center for the Arts, Reading, Pennsilvanya, EUA, com trabalhos individuais e colectivos, executados em parceria com elementos do “Cabo Mondego Section of portuguese Surrealism”.

Sob o lema, “Somos Todos Criados Pelo Amor”, integrou o grupo internacional de surrealistas que ao longo do ano de 2013 e 2014 mostraram as suas obras em várias cidades da República Checa, com destaque para Praga, Brno (capital da região da Moravia), Jihlava (capital da região de Vysocina), Ostrava (a terceira maior cidade da R. Checa), Trebic (terceira cidade da Moravia), e em Prostejov, Zdar nad Sázavou, Rajhrad e Mohelno.

Citado e com participação, entre outras, na,

“Debout Sur L’Oeuf nº 1”, Revista Internacional de Surrealismo - Coimbra 2010

“Revista Derrame”, Homenagem a Cruzeiro Seixas e ao surrealismo português, de Libros Del Pez Espiral – Chile 2012

“Ce qui sera - What will be - o que será” Almanaque do Movimento Surrealista Internacional, de Brumes blondes – Holanda 2014

PHALA 3, Almanaque do Movimento Surrealista Internacional, deste século, de Sergio Lima e Miguel Pérez Corrales, S.Paulo - Brasil 2015.



## MUTES

MUTES, (César Barros Amorim) nasce em França, Margny Les Compiègne em 1976, regressa a Portugal em 1986.

Pintor autodidacta, iniciou a sua carreira como pintor em finais dos anos 90, expõe com regularidade anualmente desde 2004. Mutes está representado em diversas colecções nacionais e estrangeiras. É amante do Cubismo, trabalha uma corrente pictórica a que gosta de dar o nome de (DES) Cubismo Contornismo. Caracterizada peças suas inúmeras figuras mutantes e imaginárias num universo pictórico explodindo cores e danças de estranhos movimentos. - Na arte, procurar nada significa, o que importa é encontrá-la, no seu lugar de liberdade entre o pintor e a tela, sua confidente...Na forma da consciência estética está a minha arte, a arte de pintar é apenas a arte de exprimir o invisível através do visível, tal como a pintura que nunca é prosa, é poesia que se escreve com versos de rima plástica. Na pintura tento racionalizar um conflito de emoções dentro de mim, mas mais importante do que a obra propriamente dita, é o que ela vai gerar dentro de cada um de vocês espectadores.



## OLESYA MOHOSH

Nasceu a 31 de Agosto de 1971 em Kungur na Rússia.

Formada em Engenharia Têxtil pela Universidade de Engenharia de S. Petersburgo.

Curso de Pintura da escola de Belas Artes de Usinsk no Norte da Rússia.

Curso de pintura e desenho com o Mestre Titov Vladimir Filipovits em Moscovo.

Posteriormente regressou à Ucrânia onde desenvolveu a sua actividade na área da engenharia e paralelamente o desenho e a pintura, tendo vivido também dois anos e meio na República Checa.

Em 2001 veio viver para Portugal, tendo se dedicado ao ensino do desenho e pintura, participando em diversas exposições de pintura.



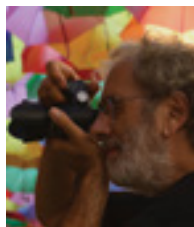
## PAULA BRANCO PEREIRA

Natural de Viana do Castelo.

Curso de Arte Contemporânea no Sotheby's Institute of Art de Nova Iorque. Licenciatura e Mestrado em Arte. Recebeu cinco prémios de pintura e três menções honrosas internacionais.

O seu trabalho tem sido destacado em vários livros e revistas. Salienta-se a publicação da obra Color my Brain na capa do Hidden Treasures, HTM, Londres. Participou em múltiplas exposições a nível mundial e Bienais Internacionais em Paris, Miami, Tóquio, Barcelona, Milão e Madrid.

*“Através da Arte tento expressar sentimentos, emoções e pensamentos sobre diferentes aspetos da existência humana. Faço do corpo o meu tema constante, trabalhado em sequência com o espaço. Através da pintura, desenho, instalação, fotografia e video foco a expressão corporal como um centro conceptual e uma comunicação global contemporânea.”*



## PEDRO RICCA

Nasce no Porto em 1956.

O tempo de se fazer fotógrafo perde-se em memórias a preto e branco.

1967, com 11 anos, tira as primeiras fotografias e sente a força que tem os registos, os desafios que se abrem para que nas imagens o olhar do fotógrafo não seja traído.

Professor e licenciado em TIC e gestão de informação pela Universidade do Minho trabalha desde os anos 90 no Centro de Recursos da DREN, actualmente designado GIFT/DGEstE - dsrn, departamento de comunicação e multimédia.

Poucas vezes presente em concursos, a vida profissional condicionou, mas nunca anulou a paixão pela fotografia.

“Nestes anos de caminho, há uma constante que se fixa. Entre a realidade e a imagem, a minha fidelidade foi sempre para a forma, e sempre voei em torno dos registos, apenas como fontes, como se fossem farinha que no meu moinho se faz pão.”

Pedro Ricca [do catálogo da exposição Sítios (im)prováveis]

1976 – Exposição individual “72/76” na Associação Fotográfica do Porto

1977 – Exposição individual “Pedro Ricca - Fotografias” na Associação Portuguesa de Arte Fotográfica – Lisboa

2007 – Artista convidado para a Bienal “d’art Vez”

2011 – Participação na Exposição colectiva de fotografia “Movimento”, na galeria Queiroza/bar Vintage - Arcos de Valdevez

2015 – Artista convidado para integrar a Exposição Colectiva de fotografia “Olhar a Arquitectura” – Galeria Olga Santos, Porto.



## RICARDO DE CAMPOS

Monção 1977.

Frequenta o 3º ano do Curso Superior de Estudos Artísticos (UAb).

Frequentou o Curso Superior de Design Gráfico (Escola Superior Gallaecia).

Curso Livre Pintura Escola Superior Artística do Porto (Extensão de Guimarães).

Curso Formação Continua, Desenho Figura Humana, Faculdade Belas Artes Universidade Porto.

Curso Pintura Cooperativa Árvore (Porto).

Participou em mais de 200 exposições em Portugal, Espanha, França, Itália, Áustria, China e Estados Unidos da América, das quais se destacam as seguintes:

XVIII Bienal de Cerveira.

I Bienal de Gaia.

Mosteiro de Silos, Burgos (Espanha).

Igreja de S. Denys du Saint Sacrement, Paris (França).

Vienna Travell Gallery, Viena (Áustria).

Galeria IPSA, Roma (Itália).

Museum of the Americas, Miami (EUA).

Art Shangai, (China).

Mosteiro de Samos, Lugo (Espanha).

Mosteiro de Oseira, Ourense (Espanha).

About art Gallery, Pontevedra (Espanha).

Galeria Usar o Tempo, Porto.

Galeria Quadras Soltas, Porto.



## ROSINA CADIMA

Nasceu em Luanda em 1957.

Frequentou a Escola Artística Profissional. No Porto fez a ESAP, na área de Conservação, Restauro e Pintura.

Na cerâmica, destaque para dois painéis no Auditório e no Lar Paroquial do Padrão da Légua, e um outro, na cidade brasileira de Congonhas, no âmbito da germinação com Matosinhos.

Na pintura está representada em diversas colecções particulares do país e estrangeiro, nomeadamente Espanha, Itália e Angola.

No seu ateliê, existe galeria de Arte e academia de pintura.

Lecciona em diversas colectividades culturais.



## RUI LOBO

Rui Lobo, natural dos Arcos de Valdevez, cedo descobriu que tinha sido deixado de fora no que diz respeito aos talentos pictóricos e de desenho bastante comuns na sua família próxima.

Assim teve que encontrar outro talento e esse revelou-se através da fotografia.

Fez várias exposições individuais e colectivas e tem dois livros publicados.



## RUI PARENTE

Natural de Maputo, Moçambique. 1959

Professor efetivo do Grupo de Artes Visuais da Escola Básica e Secundária Pintor José de Brito Santa Marta de Portuzelo, Viana do Castelo.

Curso Superior de Desenho pela E.S.A.P.

Licenciado em Design Industrial pela E.S.A.D.

1986. Prémio de Aquisição da 5ª Exposição colectiva de Artes Plásticas de Viana do Castelo

1992. Exposição individual de pintura no Instituto Português da Juventude de Viana do Castelo

2001. Exposição individual de pintura no Museu Municipal de Viana do Castelo

Exposições coletivas

1984. Mostra de artistas de Viana do Castelo integrada na IV Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira

1985. 4ª Exposição coletiva de Artes Plásticas de Viana do Castelo

1986. 5ª Exposição coletiva de Artes Plásticas de Viana do Castelo

1999. X Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira

2001. XI Bienal Internacional de Arte de Vila Nova de Cerveira

2001. XII Bienal de Artes Plásticas da Festa do Avante

2002. Exposição coletiva 'Arte Douro' da Câmara Municipal de Resende.

2005. XIV Bienal de Artes Plásticas da Festa do Avante.

(de 2005 até à data participa em inúmeras exposições coletivas).



## SOFIA ROCHA

Natural de Viana do Castelo. Nasceu em 1982.

Ceramista autodidacta com Atelier/Galeria em Viana do Castelo.

*«Aqui estão as mãos.*

*São os mais belos sinais da terra.*

*Os anjos nascem aqui:*

*frescos, matinais, quase de orvalho,*

*de coração alegre e povoado.*

*Ponho nelas a minha boca,*

*respiro o sangue, o seu rumor branco,*

*aqueço-as por dentro, abandonadas*

*nas minhas, as pequenas mãos do mundo.*

*Alguns pensam*

*que são as mãos de deus,*

*- eu sei que são as mãos de um homem,*

*trémulas barcaças onde a água,*

*a tristeza e as quatro estações*

*penetram, indiferentemente.*

*Não lhes toquem: são amor e bondade.*

*Mais ainda: cheiram a madressilva.*

*São o primeiro homem, a primeira mulher.*

*E amanhece.»*

Eugénio de Andrade



## TERESA RICCA

A vida de Teresa Ricca começou em Braga nos anos sessenta. A formação artística, pouco depois, no curso de “Desenho têxtil e arte dos tecidos” na Escola Carlos Amarante. A actividade criativa tornou-se imperiosa e leva-a, eleger as tintas e os pincéis, e mais tarde a máquina fotográfica, como canais privilegiados para o seu trabalho. A dominante comum a todo o seu percurso está na constante procura de formas e recursos técnicos.

Durante muitos anos, o seu trabalho fechava-se em espaços particulares, mas desde 2009 com o primeiro convite para integrar a bienal d’ArtVez que se tem apresentado de forma regular em espaços públicos, quer por participar em iniciativas colectivas quer com exposições individuais tanto de pintura como de fotografia.



## TERESA SILVA VIEIRA

*“Os frios invernos do norte”*

São doze os meses e quatro as estações que dividem o ano, que organizam, renovam e reformulam a Natureza.

Nada existe sem um sentido, e cada dia é parte de um ciclo que orienta todos os seres e todos os contextos. No Norte o frio parece mais frio, e o Inverno mais insuportável. As cores desaparecem, a vida parece ceder à morte e a escuridão faz emergir a melancolia.

O Verão, sempre desejado nas estações frias, como salvação do inferno glacial que nos atormenta, não tem, contudo, a mesma profundidade que os dias húmidos e enregelados dos meses de inverno. O frio que nos gela é o calor que nos enche a alma e enrijece os músculos tornando-se parte de nós, moldando a nossa forma de estar e construindo a nossa identidade.

Os frios invernos são a marca da existência de quem os vive e que, só quem se deixa envolver pela sua transcendência, consegue perceber como necessitamos deles.

Os frios invernos constroem a nossa identidade, desafiam a nossa resistência, enfeitam os nossos sonhos, modelam as nossas vontades e, principalmente, erguem-nos como gente do Norte.



## VIKTORIYA BORSHCH

1971, nasceu em Kharkov, Ucrânia, estando radicada em Portugal desde Dezembro de 2002.

1982-1986, frequentou o curso de desenho, pintura e composição do Palácio das Artes de Kharkov.

1986-1990, frequentou o Art College de Kharkov, tendo obtido o Diploma com a especialidade de cenografia.

1993-1999, frequentou e concluiu o curso de Artes Plásticas do Instituto Superior de Artes e Design de Kharkov, no ramo de Artes Gráficas com a especialidade de Ilustração.

2000-2002, trabalhou, como web designer e ilustradora, para editoras da Ucrânia e dos EUA.

Ilustração de livros infanto-juvenis

2004, "Passinhos de Mariana" de Maria Alberta Menéres, Edições ASA.

2006, "Uma Zebra ao Telefone", de António Garcia Barreto, Âmbar.

2006, "A Árvore das Histórias de Natal" de José Jorge Letria, Âmbar.

2007, "O Burro que Anda no Céu", de Alface, Âmbar.

Exposições Individuais

2004, "Ilustrações e Pinturas", Atelier-Galeria Queirosa, Arcos de Valdevez.

2006, "Óleos sobre o Porto", Garfos e Letras, Porto.

2010, "Vistavka 2010", Galeria Zeller, Espinho.

Exposições Colectivas

Participou na Bienal "d'art-vez", colectiva, Casa das Artes, Arcos de Valdevez, nos anos de 2005, 2007, 2009 e 2013

2007, 6ª Bienal de artes plásticas, colectiva, Rotary Club da Maia, Maia.

2013, "Olhar Eslavo", colectiva, Biblioteca Lúcio Craveiro da Silva, Braga.



## VITOR BARROS

Exposições individuais e colectivas em Portugal, Bélgica, Canadá, Espanha, França, Inglaterra, Mónaco e Japão.

Co-fundador e director técnico das Galerias "Picasso" e "1990 d.c." de Viana do Castelo e integrou o júri internacional da "Trienal Latina" (Portugal 1992 e França 1993).

Mostras recentes:

2009 - "Ver Arte" - exposição internacional de arte contemporâneo

Centro Cultural - Vila Nova de los Barros - Badajoz - Espanha

"Exposição Internacional de Arte Contemporânea"

Centro Cultural - Vendas Novas

"Irene Costa/Victor Silva Barros" - sala de exposições do centro cultural e social - Vila Praia de Âncora

"Com Amadeu Costa, Dez Anos depois, a Arte e os Artistas" Museu do Traje - Viana do Castelo "D'Arte.Vez 2009" - casa das artes - Arcos de Valdevez

"Pontes Luso-Galaicas" - Galeria Vieira Portuense - Porto

2010 - "O Desejo do Efeito Borboleta" - (individual) - Galeria Vieira Portuense

2011 - "Pintura" - (individual) - auditório municipal - Vila do Conde

"Pequenos Formatos e Duas ou Três Coisas mais" - arte do tempo - Viana.



## VITOR F. ALVES

Natural de Paredes de Coura. Nasceu em 1948.

Mora em Moledo do Minho

Representado em diversas colecções particulares em Portugal e Espanha, em Câmaras Municipais, e na fundação Casa Museu "A Solaina" de Pontevedra (Espanha).



## VITOR ZAPA

Vitor Zapa, nasceu em Angola-Luanda, em 1958.

Fez o 6º ano de escolaridade em Angola, mostrando sempre tendência para o desenho e trabalhos manuais.

Em 1974 dá-se a revolução de 25 de Abril, e vem para Lisboa com 15 anos de idade.

Opta por não seguir os estudos e começa a trabalhar a servir caracóis e imperiais num típico estabelecimento da grande Lisboa... e desenhando em todos os papeis sempre que surge um momento...

Em 1982 compra material de pintura pela primeira vez e entra nesse mundo. Avançou da aguarela que pintava na escola para a pintura a pastel...de seguida veio a pintura a óleo, e por fim, foi ao acrílico que se rendeu...E não mais parou...até aos dias de hoje em que tem 52 anos e idade...

Sempre pinta...em telas, em cerâmicas, madeiras, discos, pedras...e todo o material que mereça uma pintura sua.

Em 1984 começa a trabalhar na montagem das luzes de grandes espetáculos de boa música portuguesa acontecidos em terras lusas nos anos 80. Acompanhou de perto as famosas digressões de bandas como os Xutos e pontapés, Jorge Palma...Sempre dedicando o devido tempo à sua pintura, que foi o que sempre realmente o realizou...

Já fez várias exposições em Portugal e em Espanha...Esteve algum tempo no centro do país, mas nos dias de hoje, é o Norte que mais usufrui dos seus trabalhos.

Zapa está assim nesta vida...Pintando como um louco...!!!!

E assim, em poucas palavras está apresentado o meu grande Amigo, Vitor Zapa...

Mas seriam precisas muitas mais palavras para descrever o meu amigo Vitor Zapa...

Desfrutem da sua Pintura.

(Inês Núncio)



NOTAS



## “reEncontros”

CD/espectáculo

## ***O Vez, a poesia e a música***

Os múltiplos cursos de água que atravessam montes e vales, ora em caudais velozes e impetuosos, ora em leitos brandos e serenos, assumem, aos olhos dos artistas, uma existência transcendente. Símbolo do Tempo, o rio é místico; Seria fastidioso enumerar a convocação de poetas, de músicos, de pintores que se entregaram às emoções que o rio neles desperta, mas lembremos em Camões o seu majestoso Tejo, em Fernando Pessoa “o rio que corre na minha aldeia” em Strauss o seu Danúbio Azul; e qual o pintor que fica indiferente à paisagem edénica maquilhada por um rio bucólico? Esta comunhão dérmica com o rio estimula, no artista, uma forma particular de ver o mundo, acciona o seu lado mais nobre e puro, como seiva que serve de alimento às artes irmãs, a Poesia, a Música, a Pintura.

Vêm estas reflexões a propósito do conteúdo deste CD, visando assinalar as Comemorações dos Quinhentos Anos do Foral, concedido pelo rei D. Manuel, a Arcos de Valdevez. Conjuga música instrumental, poesia lida e canções com letras de poetas arcuenses. Dele constam cinco temas instrumentais – *Torneio, Reencontro, Do Rio, Reflexos do Vez e Foral* -, que apresentam, quer sonoridades imponentes, de construção densa, quer outras mais melódicas, remansosas como o Vez, ou de cariz mais popular. Convocados os autores António Ribeiro, António Cacho, Albertina Fernandes, Diogo Bernardes e Nurmi Rocha, foram seleccionados poemas, tendo, de um modo geral, as águas do Vez a servir de espinha dorsal aos temas que desenvolvem: ressonância das Cantigas de Amigo, da Poesia Trovadoresca, na “garridice dos moços e das raparigas do povo”; o ciúme do Rio Vez, ao sentir-se preterido pelo sujeito poético, na luta pela posse da terra que banha; descrições de paisagem – vale fresco e verde, ambiente bucólico, ao gosto da mediania dourada do período Clássico, onde dois rios, o Lima e o Vez, dialogam e se unem num só, e assim seguem até ao mar; a sensualidade de corpos que se tocam,

sendo o Vez testemunha desta felicidade pagã; o Vez, dilatado pela força das chuvas, servindo de ponto de comparação para a força do sofrimento do sujeito poético, cujo caudal interior suplanta o das águas.

Há ainda a leitura de poemas de outros autores arcuenses – Virgílio Amaral, Carlos da Cunha, Orlando Codeço, José Terra e Tomaz de Figueiredo: paisagens outonais, com folhas que atapetam o chão “como vidas de outras eras”, que não voltam, ao contrário da Natureza, que cada ano se renova; a finitude do ser humano, que tem na Natureza uma aliada, porque um dia também “os rios levarão as margens” e as águas deixarão de cantar; ilusões de óptica – o rio a confundir-se com o verde das árvores que nela se projectam; a vida humana, no seu irreversível caminhar, na vivência de sonhos que correm como o rio, “sem limites”, convidando ao *carpe diem*, ao aproveitar “os dias até à última migalha”, numa aceitação tranquila da “noite” a que ninguém poderá furtar-se; o fascínio que as águas do Vez exercem sobre o poeta, que as sente, porque lhe embalaram “amores”, “versos” e “barcos” e que ele classifica como o Rio da Saudade e da Poesia, que continua a alimentar-lhe a vida e a não o deixar soçobrar.

A poesia aqui plasmada é a voz do Vez. É no seu canto doce que um abraço intemporal acaricia paisagem e pessoas, levando ao “reencontro” de sentimentos perdidos no tempo. O Vez está na Poesia, está nas Pessoas, nas Paisagens, na Música que inspira.

Se o Foral deu unidade administrativa e territorial a esta região, o Vez deu-lhe unidade estética, afectiva e existencial.

*Albertina Fernandes  
Fernando Fernandes*

*Concepção e coordenação do espectáculo:*  
Gil Milheiro e Miguel Fernandes

*Arranjos, orquestração e produção do CD:*  
Miguel Fernandes

*Músicos:*

Abel Gonçalves (Flautas)

Álvaro Silva (Trombone)

Carlos Pinto (Saxofones, Gaita de Fole)

David Silva: (Acordeão)

Gil Milheiro (Piano)

Miguel Fernandes (Bateria)

Miguel Fernandes (Guitarras, Bandolim,  
Guitarra Portuguesa, programações midi)

Paulo Gaspar (Baixo)

Sílvia Mota (Voz)

Tiago Ferreira (Trompete)

*Leitura de poemas:*

Gil Milheiro e Manuela Melo